



UC/FPCE — 2010

Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Reconhecimento paralinguístico das emoções,  
psicopatologia e estilos defensivos – um estudo  
exploratório**

Nome Márcia Joana Alves Ferreira  
e-mail (Joana.alvesferreira@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde,  
subespecialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, sob  
orientação de Professor Doutor Rui Paixão

## Resumo

A investigação no âmbito das emoções tem vindo a assumir-se como uma área de trabalho de profundo alcance, mostrando-se profícua quando relacionada com outros construtos psicológicos. O presente trabalho assume como objectivo avaliar a relação entre o reconhecimento emocional, variáveis psicopatológicas (Brief Symptom Inventory-BSI) e estilos defensivos (Defense Style Questionnaire-DSQ-40). Numa primeira fase, procedemos à criação de um instrumento de reconhecimento paralinguístico de emoções, utilizando para o efeito sujeitos da população comum (N=486). De uma forma geral, os sujeitos mostram-se capazes de reconhecer e identificar correctamente as seis emoções básicas apresentadas, encontrando-se, porém, diferenças ao nível das taxas de reconhecimento. Numa segunda fase, estudámos a relação entre a psicopatologia, os mecanismos de defesa e o reconhecimento emocional (N=284), da qual resultou a confirmação da relação entre a descodificação das emoções e a sintomatologia psicopatológica, onde todas as emoções, à excepção da raiva e da tristeza, se mostraram correlacionadas com sintomas específicos. Todavia, não foi encontrada qualquer relação entre o reconhecimento e os estilos defensivos.

**Palavras-chave:** reconhecimento paralinguístico das emoções, psicopatologia, mecanismos de defesa.

## Abstract

Research in the area of emotions has been developing into a powerful framework and has proven to be proficuous when related to other psychological constructs. The purpose of this work is to assess the relationship between emotional recognition, psychopathological (Brief Symptom Inventory-BSI) variables and defensive styles (Defense Style Questionnaire-DSQ-40). In the first part, we construct a paralinguistic emotional recognition test, using a nonclinical population (N=486). In general, individuals are able to correctly recognize and identify the six basic emotions presented, although we find differences in the recognition rates. In the second part, we study the relationship between psychopathology, defence mechanisms and emotional recognition (N=284). Relation between emotions decoding ability and psychopathological symptomatology where supported: all emotions, except anger and sadness, are shown to be correlated with specific symptoms. However, no connection between recognition and defensive styles has been found.

**Key Words:** paralinguistic emotional recognition, psychopathology, defence mechanisms.

## Agradecimentos

À memória do meu pai, por me ter deixado, na metáfora do sonho, as *folhas* e a *máquina*, imprescindíveis para a concretização deste trabalho.

À minha mãe, por, muitas vezes, servir de fonte de luz em territórios desconhecidos, acreditando e encorajando.

Ao meu irmão, por partilhar comigo uma mesma verdade e, assim, compreender de uma forma muito particular todo o investimento e dor de crescimento que este projecto encerra.

A toda a minha família, por acreditar. Em particular, ao avô Zé, sempre tão capaz de ecoar dentro de mim, e à avó Beatriz, por me ter ensinado, incomparavelmente, a dar-me espaço na criatividade.

Ao Dr. João Santana, que, no campo das minhas emoções, representa o farol auxiliar no seu reconhecimento, dirigindo a investigação para dentro e, assim, abrindo espaço à sua concretização, fora.

A todos os amigos que me acompanharam neste percurso, partilhando dores e angústias, mas também vitórias, os quais, idiossincraticamente, foram capazes de me dar sentido, nos momentos em que aquele se perdeu de vista.

A todos os participantes deste estudo, pela colaboração e disponibilidade com que, pacientemente, para ele contribuíram.

À Escola Superior de Educação de Coimbra, particularmente aos alunos da turma de Teatro, à Dra. Cristina Cunha e ao Engenheiro de Som Gil Figueiredo, elementos cruciais para a elaboração do instrumento criado nesta investigação, cuja dedicação, disponibilidade e investimento serão sempre lembrados no trabalho que de tal empenho resultou.

À minha colega de trabalho, Luísa, pelo esforço comum para a concretização de parte deste projecto, no que disso existe de partilha e de dificuldade.

Finalmente, o maior dos agradecimentos ao professor Doutor Rui Paixão, por ser o Mestre destes ensinamentos, representando um ponto de partida fundamental para o *reconhecimento* de mim e dos outros, no vasto território das emoções.

## Índice

Introdução .....	01
I. Enquadramento Conceptual.....	01
1. Epistemologia das Emoções .....	01
2. Teoria Dimensional .....	05
3. Teoria das Emoções Discretas.....	05
4. Expressão Paralinguística das Emoções.....	07
5. Emoções e Psicopatologia.....	11
6. Emoções e Mecanismos de Defesa.....	15
II. Objectivos.....	16
III. Estudo I.....	16
1. O teste de reconhecimento paralinguístico das emoções.....	16
2. Procedimentos e Amostra.....	17
3. Resultados.....	19
4. Discussão e Análise dos Resultados.....	26
IV. Estudo II .....	33
1. Hipóteses .....	33
2. Instrumentos .....	33
3. Procedimentos e Amostra.....	34
4. Resultados .....	36
5. Discussão e Análise dos Resultados.....	37
V. Conclusões .....	43
Bibliografia .....	45
Anexos .....	49

## Introdução

Os sinais não-verbais, como as expressões faciais e o tom de voz, têm sido considerados um meio privilegiado para comunicar emoções (e.g., Bachorowski & Owren, 1999; Baum & Nowicki, 1998; Cacciopo & Gardner, 1999; Domes et al., 2008; Ekman, 1999; Laucka, 2004; Scherer, 1986; Shean et al., 2007; Stearn, 1999; Wagner & Linehan, 1999). A partir dos estímulos não-verbais, as pessoas inferem, num contexto comunicacional, os estados emocionais dos outros, assumindo estes, por isso, um papel central na interacção social (Ekman, 1994). Neste contexto, a capacidade para interpretar e inferir estados emocionais constitui uma ferramenta basilar no desenvolvimento e manutenção de relações interpessoais (Russell et al., 2003).

Défices na descodificação das emoções estão associados a uma menor competência social, pelo que erros na interpretação de estímulos emocionais e sociais podem acentuar dificuldades prévias, enviesando a avaliação do verdadeiro sentido da mensagem expressa no contexto da interacção entre o indivíduo e os outros (Mueser et al., 1996; Shean et al., 2007).

Partindo da inexistência de instrumentos de reconhecimento paralinguístico das emoções devidamente adaptados à população portuguesa, pelo que nos é dado conhecer, o estudo a que nos propomos tem como principais objectivos: (1) a construção e validação de uma medida de reconhecimento paralinguístico das emoções; (2) o estudo da relação entre os níveis de descodificação e a existência de variáveis psicopatológicas (medidas pelo *Brief Symptom Inquiry*, BSI) e/ou de sistemas defensivos específicos (medidos pelo Defense Style Questionnaire-40, DSQ-40).

Assim, em termos de estrutura, o trabalho encontra-se organizado em duas partes distintas: uma primeira parte, designada enquadramento teórico, alicerça-se nos imperativos da construção de um teste de reconhecimento emocional, particularmente no que respeita aos principais paradigmas conceptuais e resultados da investigação na área, bem como nos fundamentos teóricos e empíricos das relações entre deficits no reconhecimento paralinguístico das emoções e as dimensões psicopatológicas (BSI) e defensivas da personalidade (DSQ-40); uma segunda parte inclui os dois estudos antes referidos, apresentados isoladamente, estando o primeiro circunscrito à criação do instrumento de reconhecimento paralinguístico das emoções *per se*, e, o segundo, à investigação da relação entre o reconhecimento emocional e os restantes construtos que a presente investigação engloba, i.e., psicopatologia e estilos defensivos.

## I. Enquadramento Conceptual

### 1. Epistemologia das Emoções

O interesse específico pelo fenómeno das emoções remonta, segundo as tradições orais e escritas, aos primórdios da filosofia, surgindo de forma documentada nos trabalhos pré-socráticos e alargando-se, sobretudo num passado recente, a diversas áreas do conhecimento (Solomon, 1999). A

amplitude do conceito parece justificar-se pela dimensão central que as emoções ocupam na existência humana, perpassando as relações interpessoais e assumindo-se na transversalidade, inerência e indissociabilidade do processo evolutivo da espécie (Darwin, 1872/1988; Ekman, 1994; Shean et al., 2007).

Paradoxalmente, a assumpção de que constituem um aspecto essencial no devir humano não é consonante com um percurso vasto e pleno de investigação, sendo este marcado por tentativas reiteradas no sentido da sua desvalorização (Izard, 1991). A própria filosofia, que deu mote ao fenómeno, rapidamente o relegou para um segundo plano, crescendo enquanto disciplina sob a égide da razão, como forma de contornar a problemática da subjectividade e da natureza primitiva que as emoções representam na ameaça à racionalidade (Oatley & Jenkins, 1998). Impõe-se, assim, um percurso fundado numa dualidade marcada pela supremacia da razão sobre as emoções, fruto de impulsos primitivos e bestiais, menos fiáveis e ameaçadores, cuja existência, ainda que não podendo ser denegada, representa um perigo para aqueles que sobre elas se debruçam (Frijda, 1999).

Seria, contudo, uma aproximação reducionista limitar o interesse pela problemática ao termo *emoção*, considerando, por um lado, a diversidade de sentidos e significados que lhe foram sendo atribuídos e, por outro, o paralelismo entre este e outros conceitos (Izard, 1991). Com efeito, também a palavra *paixão* encerra uma dimensão histórica próxima daquela em que assenta o termo *emoção*, tendo ambas vindo a ser utilizadas para definir o modo como sentimentos, desejos, atitudes, impulsos e estados de espírito coexistem entre um sujeito e o seu meio envolvente, não estando dependentes de um critério arbitrário, mas de uma rede de interações entre factores sociais, morais, culturais e psicológicos (Frijda, 1999).

Aristóteles (384-322 d.C.) afigura-se como um dos pioneiros na compreensão das emoções, estruturando-a numa perspectiva ética e alicerçando-a numa taxonomia própria, onde desenvolve uma generosa narrativa sobre a raiva (Strongman, 1998). A conceptualização que faz sobre o construto é notoriamente próxima das perspectivas modernas, atribuindo-lhe um carácter cognitivo, social, comportamental e fisiológico (Solomon, 1999).

Depois de Aristóteles, é a visão de Descartes (1596-1650) que vigora até ao brotar do fenómeno no âmbito da psicologia, enquadrando as emoções num domínio específico do dualismo que prorroga, representado na existência de um corpo físico e de uma mente que funciona em duplicação da alma (Strongman, 1998). As emoções seriam, então, aspectos cognitivos mediadores de uma consciência não corpórea, capazes de dar lugar a alterações fisiológicas e comportamentais, envolvidas em processos mentais como a percepção, crença e memória (Lyon, 1992). Embora a perspectiva cartesiana não seja absolutamente clara e congruente, determina um ponto de viragem na conceptualização das emoções, reconhecendo-as enquanto capacidades mentais superiores (Solomon, 1999).

Apenas há escassas décadas, o interesse pelo estudo das emoções parece ter despertado na psicologia, impondo-se, assim, a surpreendente evidência de que algo tão nuclear no ser humano tenha ficado afastado do seu campo de análise, enquanto ciência, por quase um século (Izard, 1991). Nos últimos anos,

o amplo crescimento assistido no estudo das emoções justifica-se pelo manifesto reconhecimento da lacuna que a ausência de investigação sobre o tema representa, no seio de uma disciplina que tem como prerrogativa a compreensão do indivíduo no seu todo, cuja dimensão relacional e interaccional com o meio e com os outros é paradigmática da complexidade da vida mental, onde as emoções constituem elementos inigualáveis na qualidade e significado da própria existência (Frijda, 1999).

Neste contexto, a definição do conceito representa um verdadeiro nó górdio para os investigadores, não existindo concordância sobre quais os critérios que deverão ser utilizados para a determinação do que é, no essencial, uma emoção (Mandler, 1992). De acordo com Arnold (1960) este campo de estudo é constituído por um vasto número de infindos problemas, entre os quais prevalece a dificuldade na definição do conceito e a conseqüente pertinência de o considerar um domínio de investigação coerente. “Todas as pessoas sabem o que é uma emoção até que lhes seja pedida uma definição. Nessa altura, parece que ninguém sabe.” (Fehr & Russell, cit. in Laukka, 2004).

Na verdade, a dificuldade instaura-se, desde logo, pela própria palavra que utilizamos para definir o fenómeno, que institui a impossibilidade de poder representar uma classe natural de entidades, considerando a ausência do termo ou de equivalentes em alguns idiomas (Wierzbicka, 1995, cit. in Russell et al., 2003). A sua utilização preenche, porém, a necessidade de enquadrar um amplo conjunto de entidades particulares, relativas a sentimentos ou comportamentos, que emanam do conceito em si mesmo, bem como de outros utilizados com o mesmo sentido (Saarni, 1999). Daqui resulta a utilização massiva e indiscriminada de uma terminologia diversa nas tentativas de entendimento do fenómeno, intensificando a trama de um território que se afigura de difícil síntese (Izard, 1991).

Assim, ainda que possa existir uma extensa esfera de fenómenos emocionais, designados de “atitudes emocionais” ou “sentimentos”, impõe-se diferenciá-los daquilo que entendemos por emoções (Arnold, 1960). A fronteira que os separa funda-se, essencialmente, na durabilidade dos mesmos, pelo que, no que respeita às emoções, estas terão uma duração mais curta do que os sentimentos, que podem perpetuar-se por tempo indeterminado (Solomon, 1999). Não obstante, ambos possuem uma estrutura similar, podendo ser caracterizados através de um objecto, a sua apreciação e uma propensão para agir relativamente a esse objecto, embora se diferenciem, no que concerne aos sentimentos, por uma tendência disposicional latente, e, no caso das emoções, por uma propensão intensa para a acção (Mandler, 1992).

Apesar dos esforços reunidos para a compreensão do domínio de estudo em questão, este continua à mercê da multiplicidade de teorias explicativas que têm surgido nos últimos anos, entre as quais se suspeita longínqua a possibilidade de reunir consenso na definição do conceito (Russell & Lemay, 1999). A escassa unanimidade que parece existir entre os investigadores é relativa à afirmação da complexidade das emoções, particularmente na assumpção da diversidade de componentes que as constituem: avaliação cognitiva, percepção subjectiva, activação fisiológica, expressão, predisposição para a acção e regulação (Oatley & Jenkins, 1998; Sherer, 2000).

A partir de uma perspectiva evolucionista (e.g., Buss, 1995), a funcionalidade das emoções representa uma indispensável linha de força na apreensão do fenómeno, onde estas se instituem elementos fundamentais na alteração de metas relevantes na interacção do indivíduo com o meio, podendo ser descritas como reacções breves e intensas a essas mudanças (Laukka, 2004). As emoções assumem, então, um carácter adaptativo, pelo seu potencial regulador no que concerne ao comportamento social, preconizado na centralidade da comunicação na filogenia da espécie, onde a expressão emocional surge como um veículo privilegiado no espaço da interacção social (e.g., Buss, 1995; Darwin, 1872/1988; Keltner & Kring, 1998).

Segundo Mowrer (1960), “as emoções ocupam um papel central naquelas mudanças de comportamento que se diz representarem a aprendizagem” (*idem*, p. 307). Na evolução da espécie humana, tais entidades emergiram no sentido de fornecer novos tipos de motivação e novas tendências de acção, bem como uma diversidade de comportamentos necessários para enfrentar as exigências do meio e as demandas da própria existência (Izard, 1991). Falamos de elementos cruciais para a sobrevivência, os quais contribuem para definir a humanidade, dando sentido à vida ou remetendo para a sua falência. A expressão emocional é verdadeiramente um estímulo potenciador do comportamento social, permitindo, por um lado, comunicar informação, influenciar o comportamento dos receptores e reconhecer as suas expressões (Darwin, 1872/1988); e regulando, por outro, o comportamento social, ao despertar respostas no descodificador (Cacciopo & Gardner, 1999).

Indiscutivelmente, os mesmos processos selectivos que moldam o desenvolvimento das emoções, deverão também determinar o desenvolvimento de capacidades para exprimir e reconhecer os fenómenos (Russell et al., 2003). Com efeito, paralelamente à influência do meio na expressão emocional, cuja premissa é a forma como as emoções se moldam e ajustam em função de regras e contextos sociais (e.g., Ekman, 1992; Izard, 1991), existe um cunho de universalidade no modo como estas são expressas e descodificadas, apontando no sentido de mecanismos inatos e transversais aos seres humanos (e.g., Buck, 1984; Ekman, 1992; Lazarus, 1991). Afastando o fenómeno dos cânones científicos, é possível afirmar que “todas as pessoas, pelo menos virtualmente, serão capazes de experienciar alegria, tristeza, raiva e medo, sabendo diferenciá-las e compreender como é que são afectadas pelas mesmas” (Izard, 1991, p. 33). Assim, podemos falar num conjunto de emoções particulares, explicadas a partir de uma perspectiva neurofisiológica, que assenta no pressuposto de que a força que promove o despertar das emoções, está também implicada na capacidade para as reconhecer, não desvalorizando, contudo, a intencionalidade no compromisso com o meio (Solomon, 1999).

Os dois paradigmas que maior influência têm vindo a exercer sobre a investigação no âmbito das emoções, enfatizam precisamente os componentes fisiológicos do fenómeno, considerados variáveis determinantes nas características acústicas da expressão vocal, bem como da expressão facial (Laukka, 2004). Referimo-nos à teoria dimensional da emoção e à teoria das emoções discretas, que passamos a descrever.



## 2. Teoria Dimensional

O modelo dimensional apresenta-se substantivamente concentrado numa componente particular da emoção – o estado emocional subjectivo – e tem como propósito identificar as emoções a partir do lugar que ocupam num pequeno grupo de dimensões subjacentes (Laukka, 2004).

Spencer (1890, cit. *in* Frijda, 1999) foi um dos cientistas pioneiros na conceptualização das emoções enquanto dimensões ou estados de consciência e, conseqüentemente, enquanto dimensões da personalidade e do comportamento. Wundt (1896, cit. *in* Izard, 1991) alargou a tradição anterior, sugerindo três dimensões, determinantes das diferenças entre estados emocionais: prazer/desprazer, tensão/relaxamento e excitação/calma. No mesmo sentido, Schlosberg (1941, cit. *in* Laukka, 2004) propôs que a estrutura emocional implicada nas emoções é simbolizada por uma circunferência onde se situam vários estados emocionais, conduzindo à conceptualização de duas dimensões ortogonais subjacentes à ordenação circular. Desta forma, os estados emocionais são constituídos por uma valência, relativa à qualidade da experiência subjectiva, passível de oscilar entre prazer e despreazer, bem como por uma dimensão de activação, que é representativa da mobilização subjectiva de energia, funcionando a partir do eixo do sono e da excitação (Lindquist & Barret, 1999).

A investigação sobre os componentes fisiológicos tem suportado o modelo supracitado das duas dimensões, tendo comprovado, particularmente, que ambas são relevantes para a compreensão dos comportamentos de aproximação e de evitamento (Cacciopo & Gardner, 1999). No entanto, o número restrito de dimensões a que o mesmo se circunscreve tem encerrado duras críticas, pela impossibilidade de discriminar alguns estados emocionais, como o medo ou a raiva, ambos desagradáveis e altamente activos do ponto de vista fisiológico (Laukka, 2004). Por outro lado, parece não existir unanimidade quanto à identidade e número de dimensões a considerar, apesar da evidência de que “para que seja possível capturar diferenças qualitativas entre estados emocionais distintos, são necessárias mais dimensões” (*idem*, p. 12).

## 3. Teoria das Emoções Discretas

A perspectiva das emoções discretas assenta na premissa de que cada emoção representa uma interacção singular entre sujeito e ambiente, com um potencial adaptativo próprio para o indivíduo (Izard, 1991). Próxima do ponto de vista evolucionista, reúne um largo número de investigadores, cujo trabalho converge na convicção de que “as emoções organizam e determinam aspectos importantes do comportamento individual, da personalidade e das relações sociais”, instituindo um restrito conjunto de emoções que se encontram particularmente envolvidas em dimensões inerentes à vida, como a competitividade (raiva), o perigo (medo), o cooperativismo (alegria) ou a perda (tristeza) (Oatley & Jenkins, 1998, p. 86).

A ideia de que algumas emoções são essenciais tem vindo a exercer uma subtil e profunda influência nas pesquisas e teorias psicológicas, embora não se limite apenas ao campo das emoções (Averill, 1994). A necessidade surge sempre que algum fenómeno requer classificação, sobretudo quando

determinados aspectos ou eventos parecem prioritários relativamente a outros de um mesmo grupo ou constelação, sendo disso exemplo as classificações tradicionais que tomamos como universais (do comportamento humano, dos minerais, plantas, animais, entre outras), as quais são representativas da impossibilidade de viver num mundo onde cada objecto tivesse que ser tratado como único (*idem*).

Para muitos dos teóricos da emoção que seguem esta linha de força, existe um conjunto de emoções básicas, universais e inatas, donde resultam os diversos estados emocionais (Ekman, 1992; Izard, 1991; Tomkins, 1962). A sua universalidade parece justificar-se pela forma como as emoções evoluíram em função dos desafios à sobrevivência, impelindo-nos “para uma direcção em que, no curso da evolução, se mostrou uma melhor escolha, em circunstâncias que são relevantes para determinados objectivos” (Izard, 1991, p. 12).

Cada emoção discreta é entendida como tendo um padrão exclusivo de avaliação cognitiva, activação fisiológica, tendência para a acção e expressão, sendo a partir destes atributos específicos que se diferenciam entre si (e.g., Darwin, 1872/1988; Ekman, 1992). Izard (1991) postula que, para cada emoção considerada básica, existe um suporte fisiológico, marcado por substratos neuronais específicos, que se desenvolveram em função da evolução dos processos biológicos, concorrendo com propriedades motivacionais e organizadoras, que servem as funções adaptativas. Também Ekman (1994) enfatiza o papel do processo evolutivo na moldagem dos recursos singulares e universais que as emoções ostentam, bem como na sua actual funcionalidade, onde os factores inatos se impõem como balizadores das características comuns às emoções, mas também dos aspectos que as diferenciam.

Levenson (1994) afirma que a primordial função das emoções é a criação de um estado fisiológico óptimo, capaz de suportar as demandas do meio, o qual é apoiado pela acção do Sistema Nervoso Central (SNC) e do Sistema Nervoso Autónomo (SNA). É precisamente através dos dados obtidos a partir dos referidos sistemas que é possível encontrar evidências na diferenciação fisiológica das emoções básicas (Laukka, 2004). Actualmente, o medo é a emoção mais compreendida em função dos mecanismos neuronais (e.g., Phan, Wager, Taylor, & Liberzon, 2002), embora existam indicadores empíricos que suportam outras emoções. Com efeito, também para a raiva, tristeza e nojo existe comprovação da existência de padrões de actividade distintos do SNA (e.g., Levenson, Carstensen, Frisen, & Ekman, 1991, cit. *in* Laukka, 2004).

Ekman (1999) propõe que os padrões do SNA encontrados estão envolvidos porque facilitam modelos de comportamento motor que foram adaptativos para essas emoções, preparando o organismo para acções absolutamente diferentes. Por exemplo, “lutar terá sido a acção adaptativa na raiva, o que é consistente com a descoberta de que o sangue se dirige para as mãos quando a mesma emoção ocorre” (*idem*, p. 17). De acordo com o autor, “se nenhum padrão específico de actividade motora tiver um valor de sobrevivência para uma emoção, então não haverá argumentos para esperar um padrão específico de actividade do SNA que tenha sido estabelecido para a mesma” (*idem*, p. 19), justificando a razão pela qual não foi encontrado um padrão característico da alegria e da surpresa. No entanto, existe um substancial

suporte empírico que fundamenta a especificidade fisiológica de ambas (e.g., Christie & Friedman, 2004; Levenson, 1992; Levenson, Ekman, & Frieser, 1990; Stemmler, 1989, cit. in Laukka, 2004).

Os estudos pioneiros de Ekman (1992, 1994) fundamentam que, para as emoções supracitadas, existe um padrão de expressão emocional distinto, inspirando a investigação e fornecendo uma generosa base empírica sobre a expressão facial. A sua perspectiva não destitui, porém, a variabilidade dos fenómenos afectivos, tentando dar-lhes uma organização e destacando eventuais diferenças entre as emoções básicas e outros fenómenos emocionais que apenas podem ser determinados por ulterior investigação (Ekman, 1999). Neste sentido, “não existirá nada em contrário à possibilidade de outras emoções virem a ser consideradas básicas”, desde que cumprindo os critérios<sup>1</sup> apontados para o efeito (*idem*, p. 19). Aliás, a própria investigação sobre as emoções básicas, que procura, por um lado, encontrar o que existe de único numa determinada emoção, e, por outro, o que a distingue dos restantes fenómenos, assenta na possibilidade de várias questões surgirem a respeito dos últimos, abrindo espaço a que venha a ser demonstrado que outras emoções possam ser, também, consideradas básicas (Ekman, 1992). No âmbito de uma área tão complexa como a da emoção, estas questões devem ser consideradas pontos de partida para novos desafios na investigação, aludindo para o que falta, ainda, conhecer sobre os fenómenos emocionais (Cacciopo & Gardner, 1999).

O verdadeiro suporte das teorias das emoções discretas é tradicionalmente veiculado pelos estudos sobre a comunicação das emoções, com particular ênfase para o estudo das expressões faciais, sugerindo que as mesmas são universalmente expressas e reconhecidas (Ekman, 1992, 1994). Paralelamente, as pesquisas sobre a expressão paralinguística têm vindo a representar bases promissoras de sustentação do paradigma, embora ainda em número substantivamente reduzido, quando comparado ao anterior (Laukka, 2004).

#### **4. Expressão Paralinguística das Emoções**

O interesse pela expressão paralinguística das emoções é tão remoto na história quanto a Grécia Antiga. Os registos escritos que remontam a tão longínqua época incluem inúmeros exemplos de como a voz pode ser usada para exprimir emoções, uma evidência passível de ser comprovada pela experiência da vida quotidiana (Laukka, 2004). Todavia, é com Darwin (1872/1988) que vemos surgir as primeiras explicações científicas do fenómeno, “tal como muitas espécies animais, o homem incluído, os órgãos vocais são altamente eficazes enquanto meios de expressão” (p. 88), propondo-se, já aí, a existência de uma correspondência directa entre os estados particulares do emissor e a comunicação produzida, posição que seria largamente explorada pelas perspectivas contemporâneas.

---

<sup>1</sup> Ekman (1999) sintetizou um conjunto de critérios que definem as emoções básicas: a) sinais universais específicos; b) marcadores fisiológicos distintos; c) avaliação autónoma, sintonizada com padrões universais em eventos anteriores, uma ocorrência espontânea, curta duração da experiência emocional, rápido começo de acção, experiência subjectiva e pensamentos, memórias e imagens específicos.

Os trabalhos de Scherer et al. (e.g., Scherer, 1986; Banse & Scherer, 1996; Johnstone & Scherer, 2000) são paradigmáticos desse pressuposto, postulando que as emoções experienciadas pelo vocalizador se reflectem no discurso expressado. As variáveis fisiológicas assumem, desta forma, um papel fundamental na expressão das emoções, assumindo que é possível encontrar, a partir de um determinado estado fisiológico, recursos acústicos específicos (Laukka, 2004). É disso exemplo o que acontece com a raiva, expressão emocional que produz um aumento de tensão na musculatura laríngea acoplada a um aumento da pressão subglotal, provocando uma alteração da produção sonora, bem como do próprio timbre vocal (Johnstone & Scherer, 2000). Com efeito, os índices acústicos relativos a cada emoção são subseqüentes dos resultados da avaliação afectiva do vocalizador, desencadeando alterações anatómicas na produção vocal (Scherer, 1986). Suportando-se nesta perspectiva, Scherer (*idem*) fez predições detalhadas sobre os padrões vocais específicos associados a diferentes emoções, as quais se fundamentam na ideia de que os processos emocionais envolvem avaliações cognitivas sequenciais a partir de estímulos particulares, como a importância do objectivo, a agradabilidade intrínseca a um determinado estado emocional para cada indivíduo, a novidade, o potencial de *coping* e a compatibilidade entre um estado emocional e o próprio *self* (*idem*). Este modelo aproxima-se dos pressupostos de Tomkins (1962), enquadrados no âmbito da teoria das emoções discretas, os quais assumem uma reciprocidade entre cada emoção básica e um determinado processo mental que lhe é exclusivo, capaz de suscitar a produção das várias manifestações do fenómeno emocional, como a sua expressão facial e, particularmente, vocal.

A assumpção de que uma emoção é passível de ser codificada, pressupõe a necessidade de que a mesma seja decodificada, sobretudo se atendermos à funcionalidade adaptativa que tais entidades têm vindo a manifestar ao longo do processo evolutivo da espécie (Darwin, 1872/1988). Russell et al. (2003) sintetizam tal evidência, argumentando que as alterações faciais e vocais são constantes e representativas do estado psicológico do emissor, bem como que a maior parte dos seres humanos pode inferir sobre o estado do vocalizador a partir das alterações ocorridas a ambos os níveis. A partir das premissas apresentadas, instauram-se dois percursos na investigação sobre a expressão emocional: um focando o estudo dos processos de codificação das emoções, centrados no vocalizador, e outro o estudo dos processos de decodificação, centrados no receptor (Russell et al., 2003).

Neste contexto, Scherer (1986) afirma que existe um aparente paradoxo no caminho percorrido pela investigação no estudo da expressão das emoções, concentrada, sobretudo no seu começo, na tentativa de analisar acusticamente o discurso emocional, cujos resultados se mostraram pouco conclusivos. Enquanto os respondentes pareciam ser capazes de decodificar correctamente as emoções através da voz, os investigadores insistiam em direccionar o trabalho no sentido de encontrar padrões ou índices vocais implicados no processo de codificação (Frick, 1985). A evidência de que é difícil encontrar índices específicos que possam ser utilizados como indicadores seguros da expressão vocal esteve, então, patente desde os primeiros registos de que temos conhecimento neste campo. Actualmente, começa a haver um consistente corpo empírico

fundamentador de que alguns recursos do aparelho vocal estão solidamente associados a padrões de activação fisiológica na expressão das emoções, impondo-se como uma área de trabalho promissora, sobretudo pelo progresso das metodologias de avaliação da acústica nos últimos anos (Bachorowski & Owren, 1999). Laukka (2004), cuja perspectiva é subsidiária do processo de codificação emocional, prorroga que existe um desfasamento entre o desenvolvimento da tecnologia acústica na última década e os trabalhos que são realizados neste domínio, propondo que quanto maior for a capacidade de medir o sinal vocal, maior será a probabilidade de encontrar as especificidades que são utilizadas para transmitir as emoções. Aliás, os seus trabalhos parecem representar um ponto de viragem na tradição que marcou a investigação neste campo (*idem*).

Paralelamente, existe uma outra linha de força que norteia o processo de investigação neste contexto, inspirada na premissa de que determinadas expressões emocionais sinalizam emoções específicas, que os receptores descodificam (Russell et al., 2003). O processo de descodificação tem vindo a ser caracterizado como sendo inato (Izard, 1991), categorial (Ekman, 1992) e espontâneo (Ekman, 1994): “A transacção entre uma expressão emocional e a atribuição de um significado é tão imediata que não temos consciência de que passamos por ela” (Ekman, 1994). A impressionante transversalidade da maior parte dos estudos realizados, aponta para uma capacidade de reconhecimento emocional superior ao que seria de esperar pelo acaso (superior a cinquenta e cinco por cento), mostrando-se independente de diferenças etárias e culturais (Russell et al., 2003).

Efectivamente, alguns autores (e.g. Elfenbein & Ambady, 2002; Laukka, 2004) postulam que o reconhecimento das emoções é independente de contextos com especificidade cultural, embora demonstrando padrões de descodificação mais elevada dentro de um mesmo grupo. Outros estudos (e.g., Scherer, Banse, & Wallbott, 2001) revelam taxas similares nas percentagens de respostas correctas e erradas em grupos linguísticos, aumentando as taxas de erro quanto maior a diferença entre o idioma do vocalizador e do receptor. As taxas de identificação são geralmente superiores na raiva, medo e tristeza, sendo geralmente mais pobres para o nojo, em virtude de este ser um estado que é sobretudo expresso através de exclamações e interjeições vocais (Bachorowski & Owren, 1999). A este respeito, Laukka (2004) afirma que existe uma dimensão categorial na forma como as emoções são reconhecidas pelos sujeitos, evidenciando que, de um ponto de vista evolutivo, fará mais sentido distinguir entre categorias de emoções do que entre um contínuo de estados relativos a uma emoção específica (Polzin & Waibel, 1998).

No âmbito do reconhecimento paralinguístico das emoções, a investigação tem vindo a beneficiar da criação e desenvolvimento de estímulos estandardizados (Cacciopo & Gardner, 1999). Todavia, continuam a existir problemas de difícil resolução; uma das questões mais delicadas que se coloca é relativa aos estímulos vocais escolhidos para os estudos, por não existir fundamentação teórica e empírica que justifique a escolha de um estímulo “correcto” para representar uma emoção (Russell et al., 2003).

Muitos dos instrumentos criados assentam no modelo de conteúdo *standard*, onde é pedido a actores que reproduzam um determinado material verbal em voz alta, retratando diferentes fenómenos emocionais (Laukka, 2004). O conteúdo verbal utilizado para todos os estímulos e emoções é exactamente o mesmo, por forma a que “qualquer efeito discriminado pelo ouvinte seja devido apenas às pistas veiculadas pela voz do emissor, o que poderia não acontecer se houvesse variação do conteúdo da frase utilizada” (*idem*, p. 14). Através de um processo iterativo, os estímulos que reúnem maior unanimidade na emoção veiculada são seleccionados como os sinais correctos, sobressaindo a problemática relativa à interpretação da importância e significado do consenso assim obtido (Russell et al., 2003). Convencionalmente, estima-se que o reconhecimento das emoções básicas tem uma taxa de decodificação correcta cinco ou seis vezes superior ao que seria expectável devido ao acaso, ainda que muitos dos resultados encontrados na literatura apontem para diferenças no reconhecimento de emoções entre vários estímulos que constituem os instrumentos utilizados, corroborando a importância de poder trabalhar as emoções em funções de categorias (Johnstone & Scherer, 2000).

A um segundo nível, surge a problemática relativa à utilização de respostas de escolha fechada ou fixa, onde os sujeitos seleccionam, de uma lista de emoções, aquela a que corresponde cada um dos estímulos apresentados (Russell, 1994, cit. *in* Russell et al., 2003). Alguns autores (e.g., Banse & Scherer, 1996) postulam que este tipo de tarefa, apesar de ser ecologicamente validada, pode proporcionar uma atribuição pouco fidedigna por afunilamento da escolha, sugerindo a utilização de um leque de respostas mais alargado, veiculado pelo próprio sujeito. No entanto, a necessidade de restringir o âmbito de respostas possíveis coloca-se como um imperativo, pela dificuldade de operacionalizar o vasto conjunto que daí resultaria (Laukka, 2004). Por outro lado, as medidas de auto-relato “pressupõem que os respondentes estejam conscientes das suas emoções, dispostos a revelá-las e que sejam também capazes de discernir entre estados emocionais muito semelhantes, o que raramente acontece” (*idem*, p. 18).

Assim, as medidas directas das expressões não verbais apresentam-se como as alternativas mais viáveis no processo de avaliação de respostas emocionais, pela possibilidade de reduzir o controlo voluntário de que padecem as tarefas de auto-relato, embora tanto na utilização de um tipo de respostas como de outras, exista evidência empírica de um substantivo reconhecimento das emoções consideradas básicas, mais consistente, porém, nos resultados obtidos a partir das primeiras (Russell et al., 2003).

Existe, ainda, um terceiro aspecto na construção dos instrumentos paralinguísticos, que tem vindo a suscitar alguma controvérsia. Tal como foi supracitado, a maior parte das medidas criadas para esse efeito são construídas a partir do recurso a actores, a quem é solicitado que profiram uma determinada frase, exprimindo diferentes emoções. Na verdade, não existe evidência empírica de que os estímulos artificialmente produzidos sejam equivalentes aos que ocorrem em circunstâncias reais, mas a literatura comprova que, em situações espontâneas, o nível de acordo em relação a uma emoção específica diminui (Johnstone & Scherer, 2000), ainda que alguns estudos apontem para a pouca

expressividade que essas diferenças assumem nos resultados obtidos (Williams & Stevens, cit. *in* Laukka, 2004).

A dificuldade metodológica que a utilização de medidas retiradas a partir de contextos naturais pressupõe, é agudizada pela impossibilidade de controlar a intencionalidade do emissor, cujo conteúdo verbal seria disperso, colocando em causa a premissa de que a resposta do sujeito não é influenciada pelo conteúdo verbal, mas unicamente pela emoção veiculada (Russell et al., 2003). Por outro lado, na óptica do receptor, a interpretação do estados emocionais do receptor é feita a partir de diversos níveis de análise para além do já referido conteúdo da comunicação (postura corporal, expressão facial), isto é, o conhecimento, implícito ou não, da intenção do emissor. Neste sentido, a artificialidade imposta aos sujeitos que tentam descodificar as emoções pode correr contra o objectivo da tarefa (o seu sucesso), pois está desligada de todos estes estímulos normalmente implícitos à comunicação.

A criação de estímulos através de actores, apesar das limitações que encerra, é, então, a metodologia que se apresenta como mais fiável, exigindo um esforço de aproximação entre as vocalizações produzidas e as que ocorrem em situações espontâneas, pelo que o recurso a técnicos com formação especializada constitui um verdadeiro imperativo (*idem*). No mesmo sentido, as taxas de sucesso obtidas a partir de instrumentos que contemplam tais pressupostos são uma evidência da sua realidade.

Em suma, a construção de instrumentos no contexto do reconhecimento paralinguístico das emoções assume uma importância inigualável para o desenvolvimento de uma área tão importante quanto esta. A diversidade de paradigmas e modelos a respeito do tema, implicam que a construção de medidas de avaliação do reconhecimento emocional se fundamente em pressupostos particulares, com vista a fazer convergir o trabalho no sentido da sua especificidade e não em função de um critério de abrangência, do qual decorre a impossibilidade de tratar o fenómeno. Fundando a investigação na especificidade, muitos trabalhos têm vindo a ser desenvolvidos e readaptados a partir de diferentes paradigmas, permitindo a sua revalidação e, necessariamente, uma evolução num contexto tão amplo quanto este. A complexidade das emoções pressupõe, então, um trabalho que evolua do domínio particular para o geral, sendo disso exemplo alguns dos instrumentos mais utilizados, capazes de congregam medidas de avaliação de reconhecimento emocional relativas a meios distintos, como a expressão facial, corporal e vocal (e.g., Diagnostic Analysis of Nonverbal Accuracy-2 (DANVA2): the Adult Faces test (DANVA2-AF); the Postures test (DANVA2-POS); the Adult Paralanguage (voices) test (DANVA2-AP), Shean et al., 2008).

## 5. Emoções e Psicopatologia

Ao longo da evolução da espécie humana, as emoções progrediram por forma a preparar os organismos para agir em resposta a uma diversidade de estímulos e alterações ambientais, servindo o propósito de adaptar os indivíduos, quer intrinsecamente, quer na relação com os outros (e.g., Frijda, 1999; Keltner & Kring, 1998).

A capacidade para interpretar e inferir estados afectivos constitui uma ferramenta basilar no desenvolvimento e manutenção de relações interpessoais, cujo corolário assenta no funcionamento social (Ekman, 1994; Russell et al., 2003). Assim, a complexidade do processo de interacção esgrime a imprescindibilidade de que os indivíduos sejam capazes de receber e descodificar as experiências não-verbais dos outros (Baum & Nowicki, 1998). De acordo com Brocks (1997), existem três componentes fundamentais que contribuem para a cognição social: a) a capacidade para interpretar correctamente os estados e intenções dos envolventes; b) a construção e manutenção de uma noção clara do *self*; c) a produção e regulação do comportamento apropriado em função de diferentes contextos. Alguns autores (e.g., Saarni, 1999) reportam-se ao conceito de “competência emocional” para enquadrar o conjunto de ferramentas que permitem estruturar a auto-eficácia, sobretudo no âmbito das interacções sociais, onde os indivíduos fazem recurso a estratégias que lhes permitam utilizar o conhecimento que detêm sobre os fenómenos emocionais e a sua expressividade, por forma a negociar objectivos e metas.

Sendo a partir das emoções que o receptor apreende o estado emocional do emissor, a sua intencionalidade e o ponto da relação estabelecida entre ambos, a ocorrência de erros na percepção social pode revestir-se de consequências inesperadas (Shean et al., 2007). Neste contexto, a possibilidade de que surjam equívocos no reconhecimento da expressão emocional daqueles com quem a interacção é realizada, abre espaço a respostas não verbais desajustadas, conduzindo a lacunas no processo de comunicação (Wickline et al., 2005, cit. *in* Shean et al., 2007). Alguns estudos demonstram que défices na descodificação das emoções estão associados a uma menor competência social, sugerindo que erros na interpretação de estímulos emocionais e sociais acentuam dificuldades prévias, do que decorre um enviesamento na avaliação do verdadeiro sentido do conteúdo que é expressado no contexto da interacção (Mueser et al., 1996).

Por definição, a emoção está implicada não apenas na personalidade, mas alargando o seu espectro a todas as perturbações afectivas (Strongman, 2004). Uma análise da quarta edição, texto revisto, do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV-TR) da Associação Psiquiátrica Americana (APA, 2000), revela que a quase totalidade das categorias de diagnóstico aí definidas incluem um ou outro tipo de perturbação emocional. Estas perturbações abarcam emoções positivas e negativas, podendo também incluir excesso de emoção (como no caso de fobias específicas ou fobia social, com medo acentuado e persistente); défices na emoção (como na personalidade narcísica, marcada pela falta de empatia); problemas sociais (como nas perturbações do espectro do autismo, com escassez de reciprocidade emocional); e problemas de regulação (como na perturbação da personalidade *borderline*, com dificuldades em controlar a raiva) (Kring, 1999). Oatley e Jenkins (1998), inclusivamente, propõem uma conceptualização dos fenómenos emocionais, na qual dissipam a fronteira que os congrega às perturbações em que se encontram imiscuídos, estreitando a relação entre o que é entendido por normal e patológico. As emoções não são concebidas enquanto psicopatologia em si



mesma, nem como as suas determinantes primordiais, mas numa continuidade transversal ao funcionamento dos indivíduos (para o qual concorrem uma panóplia de factores, processos e mecanismos), servindo de balizadores na interacção com os outros. A funcionalidade das emoções em indivíduos com psicopatologia é aproximada à de sujeitos que não detêm traços tão exacerbados, variando apenas no modo como, no que concerne às primeiras, interferem com o sucesso das funções inerentes aos processos emocionais (Keltner & Kring, 1998). Weiss et al. (2006) sugerem, contudo, que indivíduos considerados saudáveis têm maior sucesso na regulação de estados emocionais negativos, beneficiando dos balizadores do meio que servem o mesmo propósito, como as expressões faciais e vocais que sinalizam a agressividade e o medo. Sendo a interpretação correcta destes índices um contributo imprescindível na interacção social, “podemos esperar que indivíduos que manifestem dificuldades na sua descodificação sejam menos competentes na forma como se colocam em interacção com os outros” (*idem*, p. 187).

Izard (1999) postula que a contiguidade entre as emoções e o desenvolvimento da personalidade assenta não apenas na singularidade das experiências e aprendizagens individuais relativas ao decorrer do processo de socialização, mas também na predisposição genética inerente aos fenómenos emocionais, o qual desempenha um papel relevante na constituição de traços emocionais ou no caminho até às emoções propriamente ditas. Kernberg (2006) sugere que a etiologia das perturbações da personalidade envolve factores genéticos e constitucionais, especialmente a predisposição para a activação de emoções negativas e para a desregulação dos afectos.

Nos últimos anos, tem vindo a emergir um crescente interesse consagrado à relação entre a personalidade, a psicopatologia e as emoções (Izard, 1999; Keltner, 1996). Globalmente, os estudos realizados convergem na corroboração da existência de relações assaz estreitas entre os fenómenos emocionais e as grandes dimensões da personalidade, bem como entre os referidos fenómenos e traços mais restritos que a constituem (Watson & Clark, 1992, cit. *in* Hansenne, 2003). No entanto, alguns destes trabalhos surgem de forma dispersa e lacónica, sobressaindo a impossibilidade de poder sintetizá-los em qualquer abordagem que se situe a um nível semelhante ao que o presente projecto se encontra. Deste modo, passamos a referir de forma abreviada alguns dos resultados encontrados, tomando como premissa a comunalidade entre certas perturbações emocionais e as dimensões que lhes estão associadas.

Uma revisão da literatura evidencia um maior suporte empírico para as perturbações que se associam a comportamentos impulsivos e agressivos, quer na população clínica, quer na população comum (Shean et al., 2007). A organização *borderline* da personalidade, caracterizada por uma maior dificuldade na regulação emocional, sobretudo na raiva e na ansiedade, bem como por uma maior sensibilidade interpessoal, segundo a DSM-IV-TR, tem vindo a ser alvo de exploração a respeito da sua relação com a dificuldade no reconhecimento das emoções. Os resultados apontam que para os indivíduos com este tipo de organização da personalidade apresentem uma maior susceptibilidade a emoções como o medo e a raiva (Levine et al., 1997), tal como Domes et al. (2008) demonstraram, num estudo com população geral, bem

como Levine et al. (1997), que encontraram os mesmos resultados numa população clínica. Os resultados encontrados por Wagner e Linehan (1999), num estudo que comparava mulheres com história de abuso sexual e mulheres com história de abuso sexual associado a perturbação *borderline* da personalidade, apontam para uma tendência acrescida, no segundo grupo, para a identificação do medo. Num mesmo sentido, o comportamento anti-social e a psicopatia, ambos atravessados por défices na comunicação interpessoal e na expressão emocional (Hare, 1995), parecem estar associados a uma maior conotação negativa dos estímulos emocionais, sendo estes os mais identificados (Long & Titone, 2007). Kiehl et al. (1999) verificaram que sujeitos psicopatas em cumprimento de pena jurídica cometem mais erros na identificação de emoções neutras, como a surpresa, denotando, ainda, uma maior dificuldade no reconhecimento de emoções, quando comparados com um grupo de controlo.

A sensibilidade interpessoal e a ideação paranóide, enquanto balizadores da personalidade esquizotípica (DSM-IV-TR), têm vindo a ser objecto de estudo neste âmbito, havendo referência de que tais características contribuam para fomentar défices na capacidade para identificar e interpretar correctamente estímulos sociais (Chapman & Kwapil, 1995). Wickline et al. (2005, cit. in Shean et al., 2007) investigaram a relação entre a personalidade esquizotípica e défices na descodificação emocional, concluindo que adolescentes com este tipo de personalidade apresentam défices no reconhecimento de alegria e de raiva.

Outros estudos têm sido realizados na expectativa de encontrar correlações entre a depressão e o reconhecimento emocional, revelando que a primeira se encontra associada a um maior capacidade para identificar emoções negativas, sobretudo em estímulos relativos à tristeza (Williams & Wilkins, 2006). Por outro lado, parece existir uma tendência para que sujeitos depressivos conotem emoções neutras, a surpresa por exemplo, como negativas (Kan et al., 2004). Num outro contexto, Sprengelmeyer et al. (1996) investigaram a relação entre o reconhecimento paralinguístico e a perturbação obsessivo-compulsiva, revelando que a sintomatologia do tipo ansioso que lhe está associada deve incluir, paralelamente, dificuldades na regulação do nojo, pela evidência empírica de que regiões cerebrais específicas apresentam um funcionamento diferente em indivíduos que padeçam da perturbação. Os mesmos autores (*idem*) conduziram uma investigação onde compararam a capacidade de identificar correctamente as seis emoções contempladas pelo modelo das emoções discretas entre sujeitos com sintomatologia do tipo obsessivo-compulsiva e indivíduos com perturbação de pânico e ansiedade generalizada, revelando que, para ambos, existe um enfraquecimento no reconhecimento do nojo.

Assumindo uma perspectiva transdiagnóstica, fundada na evidência da comunalidade de processos entre as perturbações emocionais, os dados aqui explanados podem ser entendidos num contínuo para muitas perturbações emocionais, encerrando uma mesma transversalidade. Esta leitura enquadra-se, então, no pressuposto de que determinados processos comportamentais e cognitivos acompanham a psicopatologia, sendo indissociáveis de qualquer abordagem a este nível, implicando uma maior abrangência e um certo afastamento de uma tendência de interpretação mais ortodoxa da psicopatologia em si mesma (Harvey et al., 2004).

## 6. Emoções e Mecanismos de Defesa

Entendido como um dos principais conceitos psicológicos, os mecanismos de defesa são parte integrante de qualquer pessoa e, necessariamente, de qualquer ciência que a estude. A forma como atravessa comportamentos, atitudes e emoções, bem como a personalidade e o próprio processo adaptativo, coloca-o como um dos conceitos psicanalíticos mais revalidados por toda a comunidade científica, reunindo consenso na literatura sobre a sua imprescindibilidade (Plutchick, 1995).

As defesas psíquicas começam por se estabelecer no comportamento relacional, sendo, em parte, interiorizadas, por forma a constituírem barreiras internas necessárias ao investimento pulsional e à expansão do Eu (Coimbra de Matos, 2002). Na verdade, acompanhando a perspectiva da adaptação biológica, também no plano psíquico o funcionamento adaptativo pode ser conceptualizado “a partir de uma vertente evolutiva e construtiva, num lado, e uma vertente patogénica e lesiva, no outro, variando consoante o grau e teor da agressão do meio e da capacidade de resposta do organismo” (*idem*, p. 262). Deste modo, os mecanismos de defesa são, na sua essência, mecanismos adaptativos intervenientes no intercâmbio relacional. É a sua “utilização inconsciente e repetitiva que os faz sair da órbita da adaptação, ao mesmo tempo que os encerra no ciclo patológico e patogénico” (*idem*, p. 263).

Neste contexto, a diferença entre a normalidade e a patologia é apenas uma questão de grau ou intensidade, uma vez que o que torna uma defesa patológica é, fundamentalmente, a natureza de um conflito e a sua ocorrência numa fase anterior, prévia à puberdade (Amaral, 2007). Dito de outra forma, “as defesas são patológicas quando, experimentando desprazer, o Eu não está apto a organizar a mobilização defensiva, desencadeando os sinais de alarme, apesar de permanecer sujeito à força do processo primário e à carregada excitação interna” (*idem*, p. 3). O sistema defensivo, longe de ser maleável ou reversível, mobiliza os mecanismos mais arcaicos, com grandes dispêndios de energia, ultrapassando o seu alvo e a sua finalidade (Mijolla & Mijolla, 2002).

Enquadrando-se numa perspectiva psicanalítica, os mecanismos de defesa são parte integrante da teoria de Sigmund Freud, cujo trabalho pioneiro sobre o funcionamento da personalidade abriu espaço ao campo de estudo sobre a motivação humana, tornando-a uma área significativa na psicologia moderna (Izard, 1991). É nesta conceptualização que se inscrevem também as emoções, que, para o autor, seriam a força motriz da vida mental, reportando-se às mesmas como “os factores intrapsíquicos que erguem as fantasias, os desejos e os sintomas” (*idem*, p. 28). Ainda que o termo emoção tenha sido largamente substituído pelo conceito de energia na tradição psicanalítica, a concepção precursora preconiza a existência de um impulso instintivo representado na vida mental pelo pensamento e pela emoção, sendo ambos considerados preemptórios (Rapaport, 1960, cit. *in* Izard, 1999).

Rapaport (1960, cit. *in* Izard, 1999) sintetiza o funcionamento psíquico, explicando que é a partir da entrada de um estímulo que se instaura o processo inconsciente de mobilização de energia; se não existir um caminho aberto para tal energia se libertar, será através de outros mecanismos, que não a mobilidade voluntária, que a mesma será descarregada, sendo paradigmático dessa

libertação a expressão emocional e o próprio sentir da emoção. Segundo o autor (*idem*), ambos os fenómenos poderão ocorrer em simultâneo ou consecutivamente, embora reconhecendo que a cultura em que nos inserimos não permita que a energia psíquica seja libertada de forma directa e espontânea. Assim, a ocorrência de descargas emocionais de discrepante intensidade está sempre a acontecer, sendo a vida psíquica constituída por um conjunto vasto de emoções que se estende para além das que entendemos por básicas.

A perspectiva psicanalítica enfatiza, sobretudo, as emoções negativas provenientes do conflito e, conseqüentemente, o papel fundamental do recalamento enquanto mecanismo de defesa (Izard, 1991). Quando as emoções são fenómenos de natureza consciente, o recalamento deixa de operar.

## II. Objectivos da investigação

Considerando que este é um trabalho de cariz exploratório, os objectivos que com ele se coadunam situam-se em diferentes níveis. Num primeiro momento, pretende-se criar para a população portuguesa um primeiro *Teste de Reconhecimento Paralinguístico das Emoções* (TRPE), pois que, pelos que nos é dado conhecer, não existem dados ou testes de descodificação emocional da expressão vocal para esta população. Assim, a primeira parte da investigação (Estudo I) representa a criação de um teste em língua portuguesa, semelhante aos existentes noutras línguas, nomeadamente o inglês (*Diagnostic Analysis of Non Verbal Accuracy*; DANVA 2).

Um segundo nível do estudo (Estudo II) assenta na verificação da relação entre o reconhecimento emocional, variáveis psicopatológicas e estilos defensivos. No que concerne à relação entre o reconhecimento emocional e a psicopatologia, a literatura tem vindo a suportar esta hipótese, evidenciando que ambos os construtos se encontram correlacionados (e.g. Chapman & Kwapil, 1995; Hare, 1995; Levine et al., 1997; Long & Titone, 2007; Weiss et al., 2006). Para a relação entre o reconhecimento emocional e os estilos defensivos, contudo, o mesmo não se pode dizer, ou, pelo menos, as bases de dados consultadas (B-on, Ovid, Plataforma Web of Knowledge, Proquest) evidenciam uma ausência desse tipo de investigações. No entanto, considerando a relação entre a psicopatologia e os mecanismos de defesa, a hipótese anteriormente colocada encontra aí o seu fundamento.

## III. Estudo I

### 1. O Teste de Reconhecimento Paralinguístico das Emoções (TRPE)

Os primeiros estudos conducentes à criação do TRPE, que aqui se apresentam, foram o resultado do trabalho conjunto de duas alunas<sup>2</sup> do M.I. em Psicologia Clínica e da Saúde (Subespecialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmica). Contámos, ainda, com a colaboração da Escola Superior de Educação de Coimbra do Instituto Politécnico de Coimbra (E.S.E.C.-I.P.C.), particularmente dos alunos do curso de Teatro e Educação (3º

<sup>2</sup> Mária Joana Alves Ferreira e Maria Luísa Alcobia Coelho.

ano de 2008-2009), sob a orientação da Professora Doutora Cristina Faria, e com o tratamento técnico do Eng. de Som Gil Figueiredo.

O instrumento é um teste de reconhecimento da expressão emocional, que pretende avaliar a capacidade dos sujeitos identificarem correctamente emoções a partir de estímulos linguísticos sem valor semântico. As seis emoções contempladas – alegria, raiva, medo, nojo, tristeza e surpresa – enquadram-se no modelo das emoções discretas, propostas por Ekman (1992, 1994, 1999).

A versão final do instrumento inclui 40 itens sonoros, ao longo dos quais actores de ambos os sexos reproduzem a mesma frase, com tonalidades emocionais diferentes, isto é, relativas às seis emoções antes referidas. A frase escolhida, idêntica à utilizada noutros testes como o *Paralanguage 2* do *Receptive Tests of the Diagnostic Analysis of Nonverbal Accuracy* (DANVA 2), é uma frase considerada neutra por Maitland (1977, cit. in Baum & Nowicki, 1998): “Vou sair, volto mais tarde, depois digo qualquer coisa”.

Cada estímulo é previamente apresentado por uma voz masculina, que o identifica com um número que tem correspondência na grelha de resposta, por ordem crescente, tendo uma duração aproximada de 5 segundos. Depois de ouvir o item, os sujeitos têm 10 segundos para assinalar na grelha de resposta a emoção que lhes parece estar representada na frase.

## 2. Procedimentos e Amostra

A construção do TRPE organizou-se em função de momentos distintos. Inicialmente, solicitámos a participação de três actores do sexo masculino e três do sexo feminino, aos quais pedimos que reproduzissem a mesma frase, expressando emoções distintas. Decorreram, assim, diversos ensaios de “aquecimento”, com o recurso a emoções específicas incorporadas nas expressões de determinadas personagens e cenas dramáticas. Posteriormente, os actores foram convidados a reproduzir as mesmas expressões no estúdio de gravação do centro de meios audiovisuais da E.S.E.C.-I.P.C., obtendo-se 450 gravações distribuídas por actor e por emoção.

Num segundo momento, estes 450 estímulos foram avaliados por um painel de 4 juízes que, individualmente, classificaram os estímulos. O resultado do acordo inter-avaliadores permitiu reduzir o *setting* inicial a 83 estímulos<sup>3</sup>.

Numa terceira fase, recorreu-se a um pré-teste destas 83 gravações com 40 sujeitos. As diferentes taxas de acerto assim obtidas, bem como a representatividades do género dos emissores, permitiram a redução deste número para um conjunto final de 40 estímulos, equitativamente distribuídos em função do número de emoções. As taxas de acerto consideradas levaram em linha de conta os perfis médios de resposta, de modo a que o instrumento não incluisse apenas itens com taxas de acerto muito altas (próximas dos 100%) ou muito baixas (próximas dos 40%), uns e outros passíveis de inviabilizar a consistência do teste<sup>4</sup>. Numa quarta fase o teste foi editado em CD depois de aleatorizadas as

<sup>3</sup> Este procedimento segue de perto o proposto por Scherer et al. (1991).

<sup>4</sup> Esta abordagem tem como objectivo optimizar a qualidade do instrumento, conseguindo inicialmente um largo espectro de estímulos que são reduzidos em função de um critério de qualidade, que deve, contudo, fazer sobressair alguma diferenciação na percepção das emoções (Bachorowski & Owren, 1999).

gravações e atribuído um número de ordem. Esta edição incluiu várias linguagens áudio, nomeadamente MP3 e *windows média player*.

A amostra com que se procedeu ao estudo das qualidades psicométricas do TRPE de 40 gravações é constituída por alunos do ensino superior (F.P.C.E. e F.C.T da U.C.) e por sujeitos da Região Autónoma da Madeira (Quadro 1). Os protocolos foram aplicados em grupo, em salas devidamente adaptadas para o efeito. Os sistemas áudio utilizados para a apresentação dos estímulos tiveram como suporte computadores de secretária com sistema áudio autónomo, utilizando colunas *Creative*.

**Quadro 1. Características sócio-demográficas\* (N=486)**

		Amostra Estudantes		Amostra da Região	
		Universitários		Autónoma da Madeira	
		(n=401)		(n=85)	
		n	%	n	%
Género	Masculino	152	37.9	35	41.2
	Feminino	249	62.1	50	58.8
Idade	Mínimo	18		8	
	Máximo	70		66	
	Média	23.95		26.67	
	Desvio Padrão	8.776		11.182	
Estado Civil	Solteiro(a)	354	88.3	65	76.5
	Casado(a)	36	9.0	14	16.5
	União de facto	6	1.5	1	1.2
	Divorciado(a)	3	.7	4	4.7
	Viúvo(a)	2	.5	1	1.2
Raça	Branca/Caucasiana	383	95.5	83	97.6
	Negra/Africana	4	1.0	0	0
	Oriental/ Asiática	1	.2	1	1.2
Nacionalidade	Portuguesa	389	96.8	85	100
	Outra	12	3.2	0	0
Língua Materna	Lingua Materna				
	Português	386	96.3	83	97.6
	Outra	13	3.2	1	1.2
Habilitações	Ensino Básico	7	1.7	2	2.4
	Literárias				
	2º ciclo do Ensino	6	1.5	1	1.2
	3º ciclo do Ensino	17	4.2	8	9.4
	Ensino Secundário	256	63.8	28	32.9
	Licenciatura	97	24.2	42	49.4
	Mestrado/Doutor.	15	3.7	4	4.7
Situação	Estudante	311	77.6	46	54.1
	Profissional**				
	Trabalhador-Estudante	25	6.2	5	5.9
	Empregado	45	11.2	25	29.4
	Desempregado	6	1.5	6	7.1
	Reformado	7	1.7	2	2.4
	Outro	2	.5	0	0
Nível Socio-económico***	Baixo	68	17.0	27	31.8
	Médio-baixo	85	21.2	18	21.2
	Médio	149	37.2	29	34.1
	Médio-alto	57	14.2	9	10.6
	Alto	20	5.0	1	1.2

\* Alguns dos totais não correspondem aos 486 sujeitos estudados devido aos valores omissos.

\*\* A situação profissional dos sujeitos foi definida a partir da classificação utilizado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (9 categorias).

\*\*\* Para a categorização do nível socioeconómico foi utilizada a tipologia estabelecida por Simões (1994, p. 285-286), a qual considera cinco níveis: NSE Baixo, NSE Médio Baixo, NSE Médio, NSE Médio Alto, NSE Elevado. Foram considerados, para a subamostra de estudantes, os indicadores profissionais dos pais bem como a sua formação académica.

### 3. Resultados

O estudo estatístico foi efectuado com recurso ao software de tratamento estatístico de dados SPSS, versão 15.0. Este estudo foi iniciado pela análise descritiva de todas as variáveis, tendo sido calculadas as médias, os desvios-padrão e as medidas descritivas da distribuição (mínimos, máximos e diferentes percentis) das variáveis numéricas e as frequências e percentagens das variáveis categoriais (Reis, 2000).

Na análise inferencial comparativa assumiram-se como diferenças estatisticamente significativas aquelas em que o valor de probabilidade associado ( $p$ ) ao teste estatístico possuía um valor de pelo menos .05 (Howell, 2006). Na verificação da existência de diferenças estatisticamente significativas entre uma variável independente com duas categorias e uma variável dependente numérica efectuaram-se testes  $t$  de *Student*, para amostras independentes. Para a interpretação dos valores decorrentes deste procedimento atendeu-se ao resultado do teste de *Levene* para igualdade de variâncias, tendo-se optado sempre que se apontava a desigualdade de variância por usar a correcção calculada pelo software (Howell, 2006).

Nos casos em que os cruzamentos eram entre uma variável independente com mais de duas categorias e uma variável dependente numérica foram efectuadas análises da variância unifactorial (*One-way ANOVA*). Quando a esta análise se acrescentou o estudo de uma segunda variável independente recorreu-se a uma *two-way ANOVA* (Howell, 2006; Kiess & Bloomquist, 1985).

Na associação entre duas medidas numéricas foram calculados coeficientes de correlação de *Pearson* (Howell, 2006). No teste de medidas entre sujeitos, foram calculados teste  $t$  de *Student* para amostras relacionadas, quando se pretendia a comparação de duas medidas e *Anovas* de medidas repetidas quando se pretendia comparar mais de dois indicadores ou quando se pretendia o cruzamento/controlado com outra variável (Howell, 2006; Kiess & Bloomquist, 1985). Nos procedimentos *post-hoc* optou-se pelo teste de Tukey sempre que o pressuposto de igualdade de variância entre grupos podia ser assumido e pelo teste de *Games-Howell* quando esta condição não estava presente (Howell, 2006).

Na avaliação da magnitude do efeito, recorreu-se ao valor do coeficiente de correlação *Pearson* ( $r$ ), uma vez que, assim, seria possível comparar esta medida ao longo de diferentes provas estatísticas. Foi considerada a escala proposta por Cohen para interpretação dos níveis de associação, onde valores entre .10 e .30 são representativos de um efeito pequeno, entre .30 e .50 de um efeito médio e a partir de .50 um efeito grande (Field, 2009).

A análise dos dados foi iniciada pelo estudo dos valores omissos, do qual resultou a identificação de 8 casos com uma percentagem de não respostas superior a 20% (entre 20 e 100%), valor que Pestana e Gageiro (2003) sugerem como indicativo da possibilidade de enviesamentos nos resultados. Assim, os referidos casos foram excluídos dos cálculos posteriores, ficando a amostra reduzida a 478 indivíduos. Os restantes casos com valores omissos, que em nenhuma das 40 variáveis ultrapassava os 1.5%, foram substituídos por um procedimento de regressão, imputação apontada por Hair, Black, Babin,

Anderson e Tatham (2006) como adequada quando se pode assumir uma aleatorização do padrão de omissos.

Os itens correspondentes a cada uma das emoções avaliadas foram analisados considerando a percentagem de acertos (Quadro 2). Este procedimento foi assumido como uma medida de validade, tomando como premissa que a robustez do instrumento seria apenas conseguida caso uma parte significativa da amostra fosse capaz de discriminar os estímulos, visto que, o contrário, seria preditor da fraca qualidade dos mesmos.

No sentido do refinamento do instrumento, foram excluídos de análises posteriores todos os itens com percentagens de acerto inferiores a 70%. Deste modo, foram eliminados os itens 10, 26 e 37 da emoção medo (com percentagem de acerto entre os 59.8% e os 66.9%) e o item 19 da emoção surpresa (percentagem de acerto de 65.5%). Não obstante, todos os itens relativos à emoção nojo foram excluídos por apresentarem, em absoluto, valores reduzidos de acerto (cf. Quadro 2). Dos 10 itens retirados, 6 são interpretados por actores do género masculino e 4 do género feminino.

**Quadro 2. Percentagem de acerto na amostra global por item de cada uma das emoções (N= 478).**

Emoção	Itens	% de acerto	Emoção	Itens	% de acerto
Medo	1	70.9	Alegria	4	80.5
	10	<b>66.9</b>		12	81.6
	13	86.0		14	85.6
	16	90.2		15	85.6
	24	90.6		18	83.9
	26	<b>66.7</b>		30	72.2
Raiva	37	<b>59.8</b>	Surpresa	33	82.2
	2	90.8		8	74.3
	6	82.6		17	79.1
	21	94.4		19	<b>65.5</b>
	22	90.4		32	80.3
	29	91.8		36	80.8
Tristeza	35	90.2	Nojo	38	89.7
	39	90.0		9	<b>44.6</b>
	3	91.8		20	<b>50.0</b>
	5	70.3		23	<b>37.7</b>
	7	83.3		31	<b>69.2</b>
	11	86.8		34	<b>56.3</b>
	25	86.6	40	<b>47.5</b>	
	27	90.4			
	28	83.3			

Com o objectivo de compreender a capacidade discriminativa dos itens, foi verificado em qual das emoções existe maior proporção de resposta e qual das categorias é mais provável confundir a resposta dos sujeitos. Uma leitura global dos padrões de reconhecimento encontrados, permite verificar que na emoção medo os itens 1 e 26 revelam percentagem de respostas superiores a 20% na emoção tristeza. A raiva e a tristeza surgem como duas emoções em que o padrão de erros é mais disperso, também motivado pelo facto de estas duas emoções parecerem mais identificáveis pelos indivíduos (cf. Quadro 3). A alegria aparece mais frequentemente confundida com a surpresa, sendo que, apesar deste erro ser relativamente mais sistemático, a percentagem dessas respostas não se revelou, em nenhum dos casos, superior a 20%. A surpresa



surge confundida com a expressão do nojo nos itens 8, 17 e 19, obtendo este último 21.1% das respostas dos indivíduos (cf. Quadro 3). Na emoção nojo os resultados são mais dispersos, verificando-se pontuações expressivas nas emoções tristeza e medo (cf. Quadro 3). Nos resultados, a leitura realizada pressupõe a existência de um padrão de erro próximo dos 20%, apontado como passível de pressupor enviesamentos nos resultados (Pestana & Gageiro, 2003).

**Quadro 3. Distribuição das categorias de resposta por item de cada uma das emoções Medo, Raiva, Tristeza, Alegria, Surpresa e Nojo.**

Emoção	Itens	Alegria		Medo		Nojo		Raiva		Surpresa		Tristeza	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Medo	1	4	.8	<b>340</b>	<b>71.4</b>	7	1.5	1	.2	20	4.2	<b>104</b>	<b>21.8</b>
	10	6	1.3	<b>318</b>	<b>67.4</b>	38	8.1	8	1.7	37	7.8	65	13.8
	13	6	1.3	<b>410</b>	<b>86.0</b>	13	2.7	8	1.7	12	2.5	28	5.9
	16	2	.4	<b>431</b>	<b>90.2</b>	9	1.9	6	1.3	10	2.1	20	4.2
	24	1	.2	<b>433</b>	<b>90.6</b>	7	1.5	1	.2	13	2.7	23	2.7
	26	2	.4	<b>318</b>	<b>66.8</b>	10	2.1	1	.2	41	8.6	<b>104</b>	<b>21.8</b>
	37	8	1.7	<b>286</b>	<b>60.5</b>	58	12.3	12	2.5	58	12.3	51	10.8
Raiva	2	10	2.1	6	1.3	10	2.1	<b>437</b>	<b>91.6</b>	8	1.7	6	1.3
	6	14	2.9	5	1.0	28	5.9	<b>395</b>	<b>82.8</b>	28	5.9	7	1.5
	21	3	.6	3	.6	8	1.7	<b>453</b>	<b>95.4</b>	4	.8	4	.8
	22	3	.6	5	1.1	27	5.7	<b>432</b>	<b>90.8</b>	7	1.5	2	.4
	29	7	1.5	5	1.0	12	2.5	<b>439</b>	<b>91.8</b>	11	2.3	4	.8
	35	1	.2	4	.8	22	4.6	<b>429</b>	<b>89.7</b>	17	3.6	3	.6
	39	3	.6	5	1.1	24	5.0	<b>430</b>	<b>90.3</b>	11	2.3	3	.6
Tristeza	3	1	.2	25	5.2	4	.8	5	1.0	3	.6	<b>440</b>	<b>92.1</b>
	5	2	.4	19	4.0	<b>94</b>	<b>19.9</b>	9	1.9	14	3.0	<b>335</b>	<b>70.8</b>
	7	2	.4	<b>59</b>	<b>12.5</b>	8	1.7	2	.4	5	1.1	<b>397</b>	<b>83.9</b>
	11	7	1.5	<b>36</b>	<b>7.6</b>	7	1.5	3	.6	8	1.7	<b>415</b>	<b>87.2</b>
	25	-	-	20	4.2	41	<b>8.6</b>	-	-	5	1.0	<b>412</b>	<b>86.2</b>
	27	-	-	24	5.0	8	1.7	3	.6	9	1.9	<b>432</b>	<b>90.4</b>
	28	2	.4	21	4.4	37	<b>7.8</b>	8	1.7	11	2.3	<b>398</b>	<b>83.4</b>
Alegria	4	<b>385</b>	<b>80.5</b>	10	2.1	10	2.1	11	2.3	58	12.1	4	.8
	12	<b>390</b>	<b>81.9</b>	19	4.0	4	.8	8	1.7	51	10.7	4	.8
	14	<b>408</b>	<b>85.4</b>	4	.8	6	1.3	-	-	58	12.1	2	.4
	15	<b>409</b>	<b>85.6</b>	6	1.3	3	.6	-	-	55	11.5	5	1.0
	18	<b>402</b>	<b>84.5</b>	3	.6	14	2.9	6	1.3	50	10.5	1	.2
	30	<b>346</b>	<b>72.7</b>	5	1.1	18	3.8	16	3.4	90	18.9	1	.2
	33	<b>394</b>	<b>82.6</b>	5	1.0	11	2.3	2	.4	59	12.4	6	1.3
Surpresa	8	21	4.4	26	5.5	57	12.1	8	1.7	<b>354</b>	<b>75.0</b>	6	1.3
	17	13	2.8	8	1.7	62	13.2	3	.6	<b>378</b>	<b>80.3</b>	7	1.4
	19	17	3.6	12	2.6	<b>99</b>	<b>21.1</b>	7	1.5	<b>314</b>	<b>66.7</b>	21	4.5
	32	20	4.2	27	5.7	28	5.9	11	2.2	<b>384</b>	<b>80.6</b>	6	1.3
	36	5	1.1	25	5.3	43	9.1	8	1.7	<b>386</b>	<b>81.8</b>	5	1.1
	38	5	1.1	8	1.7	20	4.2	13	2.7	<b>429</b>	<b>90.1</b>	1	.2
	8	21	4.4	26	5.5	57	12.1	8	1.7	<b>354</b>	<b>75.0</b>	6	1.3
Nojo	9	13	2.7	<b>143</b>	<b>30.1</b>	<b>213</b>	<b>44.8</b>	55	11.7	38	8.0	13	2.7
	20	7	1.5	46	9.7	<b>239</b>	<b>50.2</b>	17	3.6	10	2.0	<b>157</b>	<b>33.0</b>
	23	5	1.1	<b>185</b>	<b>39.0</b>	<b>180</b>	<b>38.0</b>	9	1.9	30	6.3	65	13.7
	31	12	2.5	28	5.9	<b>331</b>	<b>70.1</b>	18	3.8	53	11.2	30	6.5
	34	8	1.7	51	10.7	<b>270</b>	<b>56.7</b>	19	4.0	9	1.9	<b>119</b>	<b>25.0</b>
	40	5	1.1	<b>104</b>	<b>22.2</b>	<b>229</b>	<b>48.7</b>	26	5.5	56	11.9	50	10.6
	9	13	2.7	<b>143</b>	<b>30.1</b>	<b>213</b>	<b>44.8</b>	55	11.7	38	8.0	13	2.7

No entanto, uma leitura mais detalhada da distribuição dos resultados, i.e., a análise dos dados em bruto e na sua amplitude total (sem o recurso a um critério próximo dos 20%), permite encontrar padrões de reconhecimento interessantes, que se alargam relativamente aos que acima foram descritos. Esta

análise, ainda que mais minuciosa, é fundamental, uma vez que no estudo das emoções não é apenas relevante compreender a capacidade de reconhecimento, enquanto manifestação do potencial de acerto dos sujeitos, mas também os erros que lhe estão associados, sobretudo a tipologia de erros cometidos. Neste contexto, o recurso a um critério de enviesamento dos resultados como aquele utilizado acima terá importância do ponto de vista métrico, mas não deve representar uma leitura estanque dos mesmos, pois num construto desta natureza, será relevante compreender todo o alcance de que o mesmo é capaz.

Assim, é possível reconhecer que as emoções com valência negativa são as que mais se confundem entre si (medo, raiva, tristeza e nojo). Dentro destas, existe uma clara dispersão entre a o medo e a tristeza, bem como o inverso, embora a uma escala menor. O medo é, pois, uma emoção cuja dispersão se distribui essencialmente sobre uma outra, no caso, a tristeza, como o comprovam as percentagens relativas aos estímulos 37, 10, 26 e 1 (10,8%, 13,8%, 21,8%, 21,8%, respectivamente). Não obstante, a tristeza aparece, também algumas vezes, confundida com o nojo, sendo disso exemplo os valores dos estímulos 28, 25 e 5 (7,8%, 8,6%, 19,9%). A raiva é, como foi já citado, a emoção que apresenta taxas de acerto que se destacam das restantes e, por isso, o padrão de dispersão não aparece tão concentrado, embora ele exista e sobressaia entre as emoções com valência negativa. Por outro lado, a alegria, enquanto emoção de valência positiva, aparece várias vezes confundida com a surpresa, emoção considerada neutra. Esta última, por sua vez, aparece sobretudo confundida com o nojo, emoção que se reveste de algumas particularidades neste trabalho, por não deter resultados tão significativos como as restantes e por ter um padrão de dispersão maior. Desta forma, uma leitura dos resultados da emoção nojo permite verificar que esta se confunde, sobretudo, com o medo e com a tristeza, embora também surja associada à raiva e à surpresa (Quadro 3).

Numa segunda fase foram estudados os efeitos potencialmente enviesantes derivados do género dos emissores (actores que produziram os estímulos), considerando o género dos sujeitos receptores. Com o objectivo de compreender se o sexo do emissor teria influência na capacidade de decodificação do receptor, foi realizada uma análise em função do género do emissor, verificando-se que os sujeitos apresentam um número superior de acertos quando o emissor é do género feminino (cf. Quadro 4). Ao verificar se esta identificação estava relacionada com o género de receptor, i.e., se existia uma moderação (interacção) entre o género do emissor e do receptor, verifica-se que esta interacção não é estatisticamente significativa [ $F(1)=.005$ ;  $p=.943$ ].

**Quadro 4. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções considerando o género do emissor. Teste t de Student para verificação das diferenças (N=434)<sup>5</sup>.**

Género	Média	Desvio padrão	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Masculino	.77	.15	6.093	.000	.28
Feminino	.80	.15			

<sup>5</sup> Os valores do *n* variam em função do número de respostas válidas para cada uma das variáveis sócio-demográficas.

Procurando avaliar a existência de diferenças nas taxas de reconhecimento em função do actor que expressa os estímulos, confirma-se novamente a existência de diferenças estatisticamente significativas (cf. Quadro 5). No procedimento de comparações múltiplas, verifica-se que o sujeito actor número 3 se distingue dos restantes (excepto do actor 4) pelo facto de os participantes acertarem um maior número de emoções por ele expressas, contrariamente ao que sucede com as emoções veiculadas pelo sujeito actor número 2, as quais possuem menor nível de acerto, quando comparadas às proferidas pelos restantes actores.

Ao cruzar os níveis de identificação para cada um destes sujeitos emissores com o género do receptor, observa-se um valor sem significância estatística [ $F(5)=.017$ ;  $p=.602$ ].

**Quadro 5. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções considerando o sujeito emissor. Análise da variância (ANOVA) de medidas repetidas para verificação das diferenças**

Sujeito emissor	Género	Média	Desvio padrão	F	<i>p</i>	<i>r</i>
Actor 1	Masculino	.77	.24	100.037	.000	.45
Actor 2	Masculino	.67	.22			
Actor 3	Masculino	.87	.17			
Actor 4	Feminino	.86	.20			
Actor 5	Feminino	.78	.17			
Actor 6	Feminino	.81	.18			

Seguidamente foi calculado um índice de acerto para cada uma das emoções considerando os totais de itens representativos de cada emoção. Esta medida varia entre 0 (não acerto em qualquer item ou 100% de erro) a 1 (acerto na totalidade dos itens ou 0% de erro). As estatísticas descritivas são apresentadas no Quadro 6 e permitem verificar uma boa amplitude (entre 0 e 1) de resposta e médias relativamente altas de acertos (cf. Quadro 6).

**Quadro 6. Mínimos, máximos, médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções (todos os itens do instrumento).**

Emoções	Nº de itens	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Medo	7	.00	1.00	.76	.20
Raiva	7	.00	1.00	.90	.16
Tristeza	7	.00	1.00	.85	.19
Alegria	7	.00	1.00	.82	.21
Surpresa	6	.00	1.00	.79	.25
Nojo	6	.00	1.00	.58	.27

Tomando com referência apenas os itens considerados válidos, foi repetido o procedimento anterior, reduzido, portanto, aos itens válidos para cada emoção. Destes índices, a emoção com maior nível de acerto é a Raiva, seguindo-se a Tristeza e o Medo. As duas emoções com níveis menores de acerto são a alegria e a surpresa (cf. Quadro 7). Verifica-se, pela análise dos percentis 15 e 85, que a dispersão de respostas é baixa nas medidas de medo,

raiva e tristeza e mais alargada nas emoções alegria e surpresa (cf. Quadro 7).

**Quadro 7. Mínimos, máximos, médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções (considerando apenas os itens válidos).**

Emoções	Nº de itens	Mínimo	Máximo	Percentil 15	Percentil 85	Média	Desvio padrão
Medo	4	.00	1.00	.75	1.00	.85	.21
Raiva	7	.00	1.00	.71	1.00	.90	.16
Tristeza	7	.00	1.00	.71	1.00	.85	.19
Alegria	7	.00	1.00	.57	1.00	.82	.21
Surpresa	5	.00	1.00	.60	1.00	.82	.25

Ao compararmos os resultados dos índices de acerto por género dos respondentes, encontram-se diferenças estatisticamente significativas nas cinco emoções em estudo. Em todos os casos, são as mulheres que apresentam médias de discriminação superiores (cf. Quadro 8).

**Quadro 8. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por género. Teste *t* de Student (design independente) para verificação das diferenças.**

Emoções	Género	n	Média	Desvio padrão	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Medo	Masculino	181	.80	.22	3.452	.001	.16
	Feminino	297	.87	.20			
Raiva	Masculino	181	.88	.19	2.515	.012	.11
	Feminino	297	.92	.15			
Tristeza	Masculino	181	.81	.22	3.016	.003	.14
	Feminino	297	.87	.17			
Alegria	Masculino	181	.78	.25	2.892	.004	.13
	Feminino	297	.85	.18			
Surpresa	Masculino	181	.77	.25	3.288	.001	.15
	Feminino	297	.84	.24			

Outro dado interessante prende-se com a relação entre a idade e os níveis de acerto que, embora com valores de correlação considerados baixos, apresenta correlações negativas e estatisticamente significativas com todas as emoções excepto a surpresa, sendo mais elevadas com a alegria e a raiva. Neste sentido, são os indivíduos mais novos que discriminam mais frequentemente as referidas emoções (cf. Quadro 9).

**Quadro 9. Coeficiente de correlação de Pearson entre a idade e o índice de acerto de cada uma das emoções (N=477).**

Emoções	Medo	Raiva	Tristeza	Alegria	Surpresa
Idade	-.115*	-.244**	-.190**	-.254**	-.058

\* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

Na comparação em função das habilitações literárias observa-se que os grupos se distinguem de forma estatisticamente significativa nas emoções tristeza e alegria (cf. Quadro 10).

**Quadro 10. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por habilitações literárias. Análise da variância (One-Way ANOVA) para verificação das diferenças.**

Emoções	Habilitações literárias	n	Média	Desvio padrão	F	p	r
Medo	Ensino Básico	41	.84	.23	.646	.586	.06
	Ensino Secundário	278	.85	.21			
	Licenciatura	137	.84	.21			
	Mestrado/Doutoramento	19	.89	.17			
Raiva	Ensino Básico	41	.85	.21	1.875	.133	.11
	Ensino Secundário	278	.91	.16			
	Licenciatura	137	.90	.17			
	Mestrado/Doutoramento	19	.92	.13			
Tristeza	Ensino Básico	41	.76	.22	4.031	.008	.16
	Ensino Secundário	278	.86	.19			
	Licenciatura	137	.86	.18			
	Mestrado/Doutoramento	19	.79	.24			
Alegria	Ensino Básico	41	.68	.26	6.654	.000	.20
	Ensino Secundário	278	.83	.20			
	Licenciatura	137	.83	.21			
	Mestrado/Doutoramento	19	.83	.20			
Surpresa	Ensino Básico	41	.81	.26	.640	.559	.006
	Ensino Secundário	278	.83	.24			
	Licenciatura	137	.79	.26			
	Mestrado/Doutoramento	19	.83	.15			

Numa análise mais fina, através de comparações *post-hoc*, é possível verificar que os indivíduos com habilitações ao nível do ensino básico se distinguem dos indivíduos com habilitações ao nível do ensino secundário e superior por apresentarem médias inferiores de discriminação da emoção de tristeza. Na alegria são novamente os indivíduos com habilitações ao nível do ensino básico que se distinguem dos restantes três grupos por obterem médias estatisticamente inferiores.

Relativamente ao estatuto socioeconómico verifica-se que os grupos apresentam valores médios de reconhecimento de emoções relativamente próximos, apenas se distinguindo de forma estatisticamente significativa quanto à tristeza (cf. Quadro 11). Contudo, mesmo nesta medida o teste *post-hoc* não confirma as diferenças entre qualquer um dos grupos em particular.

**Quadro 11. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por estatuto socioeconómico. Análise da variância (One-Way ANOVA) para verificação das diferenças.**

Emoções	Nível socioeconómico	n	Média	Desvio padrão	F	p	r
Medo	Baixo	94	.84	.21	.155	.961	.003
	Médio-Baixo	101	.84	.23			
	Médio	177	.84	.20			
	Médio-Alto	65	.85	.21			
	Alto	21	.87	.19			
Raiva	Baixo	94	.87	.22	1.949	.101	.13
	Médio-Baixo	101	.90	.15			

	Médio	177	.92	.14			
	Médio-Alto	65	.93	.15			
	Alto	21	.92	.12			
Tristeza	Baixo	94	.81	.19	2.705	.030	.15
	Médio-Baixo	101	.85	.20			
	Médio	177	.87	.17			
	Médio-Alto	65	.88	.19			
	Alto	21	.91	.14			
Alegria	Baixo	94	.81	.23	.607	.658	.07
	Médio-Baixo	101	.82	.18			
	Médio	177	.82	.21			
	Médio-Alto	65	.85	.22			
	Alto	21	.78	.17			
Surpresa	Baixo	94	.76	.26	.781	.538	.008
	Médio-Baixo	101	.78	.25			
	Médio	177	.81	.26			
	Médio-Alto	65	.81	.24			
	Alto	21	.81	.21			

Quanto à existência de diferenças no nível de reconhecimento das emoções em função da origem dos indivíduos da amostra verificamos que apenas relativamente à emoção tristeza os resultados se apresentam estatisticamente significativos. Neste caso são os sujeitos oriundos do continente que pontuam de forma mais elevada no reconhecimento desta emoção (cf. Quadro 12).

**Quadro 12. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por grupo de recolha de dados. Teste t de Student para verificação das diferenças.**

Emoções	Grupo de recolha de dados	n	Média	D. P.	t	p	r
Medo	Continente	393	.84	.21	.333	.739	.02
	Madeira	85	.85	.19			
Raiva	Continente	393	.91	.16	1.884	.060	.09
	Madeira	85	.87	.19			
Tristeza	Continente	393	.86	.19	.488	.034	.02
	Madeira	85	.81	.18			
Alegria	Continente	393	.82	.21	1.162	.246	.05
	Madeira	85	.79	.21			
Surpresa	Continente	393	.82	.25	.030	.976	.00
	Madeira	85	.82	.25			

#### 4. Discussão e Análise dos Resultados

Os resultados expostos, enquanto representativos da criação de um instrumento de reconhecimento paralinguístico de emoções, são constituídos por um *setting* de estímulos de expressão vocal, bem como pelas respostas dos sujeitos que constituem a amostra a esses mesmos estímulos. O *setting* contempla seis emoções consideradas básicas e, por isso, passíveis de ser reconhecidas por todos os indivíduos, existindo, para cada uma delas, um

conjunto de itens que varia em função do género e do actor que os expressa, respeitando, deste modo, os critérios subjacentes a outros instrumentos utilizados com o mesmo propósito.

A validade do instrumento foi determinada em função da precisão dos sujeitos no reconhecimento de cada emoção expressa, verificando-se que as taxas de reconhecimento são elevadas, o que sustenta a robustez das medidas, bem como a pertinência da sua utilização. Tomando como medida de comparação<sup>6</sup> instrumentos de reconhecimento emocional (Shean et al., 2007; Tottenham et al., 2008) constatamos que os valores do TRPE se aproximam daqueles obtidos por outros testes do mesmo âmbito, sendo superiores, quando aproximados aos do *NimStim* (Tottenham et al., 2008), relativos à descodificação das expressões emocionais da face. Existem, contudo, para cada emoção, taxas de acerto bem diferenciadas, comprovando o postulado de Strauss e Moscovitch (1981), de que o reconhecimento emocional é uma função das emoções básicas. Assim, verificamos que a raiva é aquela que os sujeitos parecem identificar com maior exactidão, seguindo-se a tristeza e o medo. Estes resultados são semelhantes aos já obtidos por Ekman e Frisen em 1976<sup>7</sup> (Tottenham et al., 2008).

Embora Russel (1994) sugira que o tipo de resposta fechada ou fixa possa incrementar o nível de concordância obtido nas respostas dos participantes ao direccioná-los para hipóteses rígidas, Tottenham et al. (2008) refutam tal evidência pela disparidade de respostas que as medidas de auto-relato acarretariam, salientando que estas últimas pressupõem, por um lado, uma propensão para a criação de cenários mentais (e.g., “ela viu um fantasma”) em vez das expressões emocionais (e.g., medo), e, por outro, um critério de individualidade e de arbitrariedade na descrição das expressões emocionais difícil de operacionalizar. Na verdade, os limites de operacionalização implícitos a algumas escolhas metodológicas neste tipo de trabalhos, parecem justificar a panóplia de estudos passíveis de serem encontrados na literatura, marcados por incongruências quer do ponto de vista teórico, quer empírico (Laukka, 2004). É disso exemplo a alternativa proposta por Frank e Stennet (2001) para a crítica supracitada (Russell, 1994), assente na possibilidade de inclusão de uma resposta em aberto (designada de “outra emoção”), a qual não só não permite reduzir o espectro de respostas dos receptores (do que resulta o risco de obter respostas irrelevantes), como pressupõe um dispêndio de tempo no executar da tarefa que não é expectável, se considerarmos que o reconhecimento emocional é inato, imediato e intrínseco a todos os indivíduos (Laukka, 2004).

A análise detalhada das taxas de acerto em função de cada item demonstra uma disparidade de resultados no que concerne aos itens que compõem a emoção nojo, particularmente quando comparados aos valores dos itens que integram as restantes emoções, sendo, os primeiros, substantivamente inferiores. Tais indicadores ganham sentido pelo suporte teórico existente, que identifica o

<sup>6</sup> É de notar que qualquer comparação neste contexto não deverá ser entendida num absoluto; pelo contrário, será apenas uma aproximação entre diferentes medidas, considerando as particularidades inerentes a cada uma (emoções contempladas, número de estímulos, número e género dos actores, entre outros), ainda que partilhando um mesmo construto subjacente.

<sup>7</sup> Neste estudo, as emoções referidas são, também, as mais reconhecidas pelos sujeitos.

nojo como uma emoção expressa apenas através de exclamações e interjeições vocais, colocando, assim, um critério de subjectividade quando é pedido aos actores que a vocalizem (Bachorowski & Owren, 1999)<sup>8</sup>. Dessa análise resultou, ainda, a evidenciação de alguns itens relativos ao medo (itens 10, 26 e 37), bem como de um item relativo à surpresa (item 19), por contrastarem, quer num caso quer no outro, com as taxas de reconhecimento médias para os restantes itens da mesma emoção. A rejeição de tais estímulos foi, contudo, efectuada em função de um critério “óptimo”, atendendo que foram excluídos apenas aqueles cuja percentagem de acerto fosse inferior a 70%, valor que, do ponto de vista métrico, se situa num patamar de razoabilidade. A este respeito, Johnstone e Scherer (2000) estimam que, convencionalmente, o reconhecimento das emoções básicas tem uma taxa de descodificação correcta cinco ou seis vezes superior ao que seria de esperar devido ao acaso. O acaso absoluto, dado que aqui são consideradas 6 emoções, seria de 16,66% por emoção, o que contrasta com os 84,8% de taxa de acerto médio para as cinco emoções e 30 estímulos aqui considerados.

Com o intuito de aprofundar a compreensão do reconhecimento emocional que o TRPE preconiza, foi ainda estudado o poder discriminativo dos itens que o constituem no que respeita ao modo como o reconhecimento de cada emoção se relaciona com as restantes, especificamente ao modo como os sujeitos confundem determinados estados emocionais com outros. Nesse sentido, a raiva, a tristeza e a alegria, enquanto emoções com maiores taxas de acerto, são aquelas que os sujeitos tendem a identificar correctamente, com menor ambiguidade. O poder discriminativo destas expressões emocionais encontra suporte teórico na perspectiva evolucionista, por representarem estados emocionais imprescindíveis ao processo adaptativo (Ekman, 1994). Para a raiva e tristeza é possível encontrar padrões de funcionamento diferenciados no SNA, demonstrando a consistência destes estados emocionais, do que resulta uma maior capacidade dos sujeitos na expressão e identificação dos mesmos (Levenson et al., 1991). Todavia, para algumas emoções foram encontrados padrões difusos de reconhecimento, particularmente: no medo, que se confunde substantivamente com a tristeza; na tristeza, que se dispersa entre o medo e o nojo; na alegria, que aparece bastas vezes confundida com a surpresa; na surpresa, cuja dispersão se concentra no nojo; e, finalmente, no nojo, que por ser uma emoção cujas taxas de reconhecimento são menores, implica um padrão de dispersão maior, situando-se ao nível do medo, da raiva, da surpresa, mas com maior ênfase na tristeza. Nesta leitura evidencia-se que são as emoções com valência negativa (raiva, tristeza, medo, nojo) que maior dispersão apresentam, ocorrendo com maior destaque entre as que constituem o mesmo grupo. A surpresa, enquanto emoção (neutra), aparece confundida com a única emoção de valência positiva, a alegria, mas contribui para a dispersão de quase todas as restantes emoções, à excepção da tristeza. Apesar de alguns dos estímulos implicados nessas emoções coincidirem com os que foram excluídos do instrumento, por serem também aqueles cujas taxas de reconhecimento se

---

<sup>8</sup> Isto mesmo, aliás, foi o que se verificou logo nos primeiros ensaios com esta emoção, particularmente nas dificuldades expressas pelos actores quando lhes foi pedido que a expressassem.



revelaram inferiores aos 70% definidos, importa considerar que a sua interpretação, num trabalho exploratório como este, deve ser tomada em conta, pois evidencia um padrão difuso de reconhecimento nessas emoções, que poderá ser analisado futuramente. Deste modo, pretendemos apenas pôr em evidência que esse padrão existe, pois que a interpretação destes resultados, podendo ser eles relativos a itens excluídos ou não, permite atingir uma compreensibilidade maior do fenómeno do reconhecimento emocional, útil e necessário à explicação dos erros que lhe estão associados, assumindo-se como um abrir de portas para novas investigações, passíveis de otimizar o teste de reconhecimento paralinguístico das emoções, bem como o estudo da relação entre a descodificação emocional e outros construtos que lhe estejam associados.

O processo interpretativo que subjaz à utilização de instrumentos de reconhecimento de emoções, pressupõe que a descodificação de uma expressão emocional seja influenciada por diferentes variáveis, embora não seja conhecido, em rigor, a natureza e abrangência desse processo, nem tão pouco as variáveis que lhe estão associadas (Russell et al., 2003). Considerando a mutualidade inerente a este tipo de instrumentos, assente na premissa de que existe um emissor que produz um estado emocional e um receptor que o descodifica, torna-se imperativo compreender de que modo as variáveis relativas ao primeiro interferem com as respostas dos sujeitos. Foram, então, estudados os efeitos potencialmente enviesantes derivados do género dos actores que gravaram os estímulos, demonstrando que os sujeitos são mais capazes de reconhecer as emoções quando o emissor é do sexo feminino, embora não concorra para este resultado o sexo dos receptores. Significa, portanto, que os indivíduos, independentemente do género, reconhecem com maior facilidade as emoções quando expressas por mulheres. Este dado, ainda que não tendo sido explanado com equivalente especificidade, foi levantado por Widen e Russell (2002, cit. in Russell, 2003), os quais sugeriram que o reconhecimento emocional depende do género do emissor, o que poderá estar relacionado com aspectos de natureza social e cultural. Efectivamente, continua a ser mais facilmente aceite pelas culturas Ocidentais que as mulheres possam exprimir mais livremente as suas emoções. Dos homens espera-se uma maior contenção nessa mesma expressão, o que resulta em maiores restrições no processo de descodificação, considerando que este é um fenómeno, segundo a perspectiva evolucionista, que pode ser designado de dupla entrada – quanto mais capazes forem os sujeitos de exprimir as emoções, mais serão de as reconhecer.

Numa mesma linha orientadora, foram também estudadas as taxas de reconhecimento em função de cada actor em particular, com o propósito de compreender se o reconhecimento é uma função de uma competência, específica ou geral, desse actor. Através da análise dos dados foram encontradas disparidades no modo como os estímulos respectivos a cada actor são identificados pelos respondentes, emergindo a evidência de que os itens veiculados pelo sujeito número 3 se destacam dos restantes. Na verdade, para todos os actores as taxas de reconhecimento são diferenciadas, o que remete para a existência de um critério de variabilidade inerente ao emissor (Laukka, 2004). Esta ideia vai de encontro ao que foi já indicado sobre a existência de variáveis que influenciam o processo de interpretação na expressão vocal, estando, neste

caso, em questão as variáveis implicadas no processo de codificação. Com efeito, diversos estudos têm demonstrado diferenças individuais substantivas quer no processo de descodificação, quer no processo de codificação das emoções, reforçando a amplitude das idiosincrasias dos sujeitos particularmente no processo de codificação (e.g. Banse & Scherer, 1996; Pakosz, 1983). No entanto, por esta ser uma área de trabalho recente, pela dificuldade de acesso a tecnologia de ponta no âmbito da acústica e pelo seu crescimento massivo ter acontecido apenas na última década, muitos dos trabalhos continuam a ficar aquém de uma verdadeira aproximação ao processo de codificação emocional, (Bachorowski & Owren, 1999). Parece, pois, que uma área tão vasta como a das emoções, impõe a necessidade de que todas as linhas de força que para ela contribuem sejam investigadas. Os trabalhos de Laukka (2004) representam um ponto de viragem neste sentido.

Os estudos referidos (Banse & Scherer, 1996; Pakosz, 1983), enquanto clarificadores e reforçadores das particularidades intrínsecas aos indivíduos nos processos de codificação e descodificação, remetem, simultaneamente, para um espectro de variáveis capazes de interferir no processo de reconhecimento, relativas, pois, aos sujeitos que descodificam as expressões emocionais. Nesse sentido, foi investigado se o género dos respondentes contribui para a capacidade de descodificação emocional, reportando os resultados, para o total das seis emoções consideradas, que são as mulheres quem detém maiores taxas de acerto no reconhecimento das emoções. Baron-Cohen et al. (1997, cit. in Sousa, 2010) consideram que, efectivamente, é expectável a supremacia do género feminino comparativamente com o género masculino, no reconhecimento do estado mental. Este dado parece convergir no sentido do que foi encontrado a propósito do género dos emissores, onde também são as expressões emocionais veiculadas pelas mulheres que detém maiores taxas de acerto. Assim, não só é nos estímulos expressos por sujeitos do sexo feminino que o reconhecimento é mais eficaz, como também são as próprias mulheres que melhor identificam as emoções. Tal como foi já adiantado na discussão das diferenças encontradas em função do género do emissor, parece-nos que existe um mesmo fenómeno cultural inerente aos resultados que remete para o género do receptor.

A idade dos respondentes, atendendo à origem de ambas as amostras e à sua heterogeneidade, foi também analisada, mostrando que as emoções são melhor descodificadas quanto mais novos forem os sujeitos. Embora Russel et al. (2003) proponham que a descodificação é independente de diferenças etárias, a verdade é que este dado parece ser contrariado, quer na presente investigação, quer no trabalho de Sousa (2010), que através da adaptação portuguesa do *Reading the Mind in the Eyes Test* [Revised Adult Version] (RMET-RAV) (Baron-Cohen, Wheelwright, Hill, & Plumb, 2001) também verificou que são os mais jovens que melhor reconhecem um conjunto de emoções. No caso específico do instrumento citado, outros autores (Philliphs et al., 2002; Lopes, 2009, cit. in Sousa, 2010) verificaram a existência de correlações negativas e estatisticamente significativas entre a idade e o desempenho alcançado. Assim, partindo de um mesmo construto subjacente ao RMET-RAV e ao TRPE, é possível compreender a consistência dos resultados encontrados a este nível, os quais ganham especificidade pelo facto das emoções mais reconhecidas em

função da idade serem a alegria e a raiva, estados emocionais que se dirigem para um padrão de acção mais “activo”, como refere Laukka (2004). Esta particularidade não deverá ser desligada do fenómeno da sociabilidade, pois, efectivamente, há idades onde a relação social é um exercício muito mais sistemático do que outras: são os grupos de amigos em confraternização diária, um ritmo de vida social mais intenso, etc. Significa, portanto, que estas linguagens (expressão facial e vocal) são mais intensamente vividas nas referidas fases da vida, do que noutras onde o padrão de estabilidade relacional se supõe maior, por hipótese, o que se coaduna com a dimensão social proposta pela perspectiva evolucionista (Ekman, 1994, 1996).

Não obstante, o decréscimo do reconhecimento encontrado em função do avanço da idade poderá, também, relacionar-se com a diminuição de algumas das faculdades intelectuais dos sujeitos, nomeadamente a atenção e a velocidade de reacção, as quais estão implicadas na concretização do tipo de tarefa que é solicitada. Estará, portanto, em questão a execução de uma tarefa experimental, enquanto meio psicométrico de avaliação do construto, cuja realização envolve determinados recursos intra-individuais, inerentes à natureza do processo de avaliação que o mesmo pressupõe. Tais recursos não têm que estar implicados, necessariamente, na descodificação das emoções enquanto fenómeno social, onde o reconhecimento se processa espontânea e quotidianamente, podendo estar apenas implícitos a contextos de avaliação. Em todo o caso, é de salientar que, quer num ponto, quer no outro, as correlações em função da faixa etária existem, mas que não são muito expressivas.

Da comparação em função das habilitações literárias dos sujeitos resultou a constatação de que os grupos se distinguem nas emoções tristeza e alegria, as quais são menos reconhecidas pelos sujeitos com menor formação académica (situada ao nível do ensino básico). Alargando este dado à luz dos contextos culturais que os níveis formação académica em causa oferecem, encontramos alguma correspondência no postulado de Ekman (1994), ao salientar a importância dos contextos culturais e dos factores contextuais inerentes ao meio social, na expressão e reconhecimento das emoções. Por outro lado, afastando-nos dos cânones apresentados, parece-nos possível avançar que a formação académica, enquanto contributo de largo alcance para o enriquecimento intelectual, na sua abrangência, poderá representar, simultaneamente, uma optimização dos recursos implícitos ao reconhecimento emocional: avaliação cognitiva, percepção subjectiva, activação fisiológica, predisposição para acção (Oatley & Jenkins, 1998), bem como um enriquecimento da própria vida afectiva, traduzida num maior discernimento emocional. Note-se, a este respeito, que a comunicação das emoções é frequentemente entendida como crucial para as relações sociais e para a própria sobrevivência (Buck, 1984).

A análise do estatuto socioeconómico demonstrou que a descodificação das emoções não é subsidiária da referida variável, pelo que os sujeitos, independentemente dos contextos socioeconómicos de que provêm, são capazes de reconhecer e identificar as expressões emocionais de forma aproximadamente semelhante. Este dado poderá ser curioso se o enquadrarmos, tal como foi feito para o grau de habilitações académicas dos respondentes, num contexto cultural que se supõe favorecido para aqueles cuja formação académica é superior e, no

caso do nível socioeconómico, também maior. Nesta perspectiva, parece que o grau académico, enquanto elemento potenciador do meio social e cultural dos indivíduos, representa um melhor preditor da capacidade de reconhecimento emocional, do que o estatuto socioeconómico, assumindo-se, assim, que é ao nível das características intra-individuais que a descodificação das emoções ocorre (enquanto variáveis passíveis de serem influenciadas por uma diversidade de factores, para os quais contribuirão o grau académico no que de desenvolvimento intra-individual este poderá implicar).

No âmbito da investigação a respeito da expressão emocional, tem surgido um vasto conjunto de trabalhos dedicado ao estudo das discrepâncias entre culturas, nas quais se inserem as diferenças linguísticas. Partindo da universalidade das emoções que a perspectiva evolucionista preconiza, fundamentada na constatação de que todos os indivíduos são capazes de reconhecer estados emocionais específicos, desenvolvidos em função dos desafios à sobrevivência e utilizados no sentido de uma maior adaptabilidade (e.g., Darwin, 1872/1988; Ekman, 1994; Tomkins, 1962), parece concludente que todos os sujeitos, independentemente das diferenças linguísticas, sejam capazes de reconhecer as emoções (Buss, 1995). As investigações encetadas têm vindo a demonstrar que a descodificação emocional ocorre independentemente das diferenças linguísticas dos sujeitos, sendo paradigmático disso mesmo a transversalidade de alguns dos estudos conhecidos a este respeito, realizados em países e culturas diferenciadas (Haidt & Keltner, 1999, cit. in Russell et al., 2003). Todavia, alguns autores (e.g., Elfenbain & Ambady, 2002; Laukka, 2004) salvaguardam que é possível encontrar padrões de descodificação mais elevados dentro de um mesmo grupo, enquanto outros (Scherer, Banse & Wallbott, 2001) preconizam que as taxas de acerto e de erro são similares em grupos linguísticos, embora sugerindo que as últimas serão tanto maiores quanto maior a diferença entre o idioma do vocalizador e do receptor.

Pela impossibilidade de levar a cabo um estudo transcultural num trabalho de dimensão equivalente à deste projecto, foi feito um esforço no sentido de recolher uma parte significativa da amostra na Região Autónoma da Madeira, pois que, dentro de um mesmo grupo linguístico, este possui características particulares de acentuação vocal. Os resultados encontrados, na comparação de ambos os grupos, revelam que não existem diferenças no reconhecimento emocional, sustentando aquilo que a literatura defende (Elfenbain & Ambady, 2002; Haidt & Keltner, 1999, cit. in Russell et al., 2003; Laukka, 2004). No entanto, para a emoção tristeza é possível encontrar diferenças, sendo os sujeitos do Continente os mais capazes de a reconhecer. Este dado remete para a particularidade desta emoção no que concerne às frequências acústicas que a diferenciam das restantes expressões emocionais, tal como é proposto por Laukka (2004), cujos resultados apontam para que o alcance e a variabilidade das frequências sonoras aumentem para emoções “ativas” (e.g., medo, raiva, alegria) e diminuam para as emoções “passivas” (e.g., tristeza). Da mesma forma, a intensidade da voz é acrescida para a raiva e diminuta para a tristeza, o que também acontece com o ritmo do discurso, que é mais acelerado para a raiva, medo e alegria, do que para a tristeza (*idem*). Podemos especular, neste ponto, que as diferenças encontradas entre ambos os grupos linguísticos sejam

indicativas das diferenças acústicas quer da própria emoção, quer dos grupos que a reconhecem, i.e., as especificidades sonoras desta emoção poderão relacionar-se com as especificidades linguísticas do grupo que melhor a reconhece, os participantes do Continente.

Na comparação de todos os grupos referidos, foi, ainda, calculada a magnitude do efeito. Contudo, estas apresentam-se baixas para todas as variáveis, tomando como critério a classificação proposta por Cohen para a interpretação de níveis de associação (entre .10 e .30 efeito pequeno, entre .30 e .50 efeito médio, a partir de .50 efeito grande). À exceção da comparação do reconhecimento em função dos sujeitos emissores, para a qual obtivemos um efeito médio, todos restantes apresentam valores baixos, chegando mesmo a ser muito baixos (tome-se como exemplo a variável habilitações académicas). Isto significa que essas relações, apesar de existirem, não devem ser interpretadas como absolutas, pois a relação que explica a aproximação entre as mesmas não é notória, nem surge com magnitude suficiente para poder ser verificada com rigor. Estes dados podem estar relacionados com aquilo que muitos dos teóricos da perspectiva evolucionista e do modelo das emoções discretas têm vindo a defender, isto é, é possível encontrar diferenças na expressão emocional, particularmente no que respeita à variabilidade inerente aos sujeitos emissores, como os resultados das magnitudes encontradas para esta variável o comprovam. No entanto, não é consensual, para muitos dos investigadores da área, o pressuposto de que algumas variáveis podem influenciar o processo de decodificação. Aliás, o que sucede com os resultados em função da idade dos participantes, no presente trabalho, e os dados teóricos e empíricos encontrados a esse respeito, é exemplificativo dessa ausência de unanimidade. Estará, aqui, em questão a assumpção de que para a expressão emocional, enquanto fenómeno inato e universal, não deverão concorrer algumas das variáveis estudadas, pois a transversalidade do reconhecimento impõe-se como superlativa a essas especificidades. Neste contexto, os dados surgem, por vezes, de forma paradoxal, pois estudos há que explicam e descortinam tal variabilidade no reconhecimento e outros que não a demonstram, de que é paradigmático os estudos transculturais. Assim, as relações encontradas devem ser analisadas com algum cuidado e aprofundadas em estudos posteriores.

## Estudo II

### 1. Hipóteses

O segundo estudo operacionaliza-se nas seguintes hipóteses:

**H.1.** Os níveis de reconhecimento emocional, tal como são medidos pelo teste paralinguístico das emoções, associam-se a maiores níveis de psicopatologia tal como estes são medidos pelo BSI, nas dimensões que o mesmo instrumento preconiza, esperando-se uma relação entre a sintomatologia psicopatológica e a capacidade de reconhecimento das emoções;

**H.2.** O reconhecimento emocional relaciona-se com estilos defensivos específicos, tal como estes são medidos pelo DSQ-40. Neste caso é expectável

que os sujeitos com estilos defensivos mais imaturos apresentem uma menor capacidade no reconhecimento emocional e que os sujeitos com estilos defensivos mais maduros, apresentem uma maior facilidade no reconhecimento dessas emoções;

## 2. Instrumentos

### 2.1. TRPE

Este instrumento foi descrito no primeiro estudo deste trabalho. Sumariamente constitui-se como um Teste de Reconhecimento Paralinguístico das Emoções (TRPE), que pretende avaliar a capacidade dos sujeitos para identificar correctamente emoções a partir de estímulos vocais. As seis emoções contempladas – alegria, raiva, medo, nojo, tristeza e surpresa – enquadram-se no modelo das emoções discretas propostas por Ekman (1992, 1994, 1999).

### 2.2. Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)

O BSI é a versão Portuguesa do *Brief Symptom Inventory* (Derogatis, 1982), traduzida e adaptada por Canavarro (1999). Este inventário avalia sintomas psicopatológicos em termos de nove dimensões de psicopatologia e três Índices Globais (Índice Geral de Sintomas, Total Sintomas Positivos e Índice de Sintomas Positivos). Os Índices Globais constituem-se como avaliações de perturbação emocional. As nove dimensões primárias são: Somatização, Obsessões-Compulsões, Sensibilidade Interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade Fóbica, Ideação Paranóide, Psicoticismo.

### 2.3. Defense Style Questionnaire (DSQ-40)

O DSQ-40 avalia os correlatos conscientes dos mecanismos de defesa. Mede vinte defesas<sup>9</sup>, das quais 18 pertencem ao DSM-IV-R e duas foram acrescentadas pelos autores: a sublimação e a antecipação. Na versão original, a escala era composta por três factores: o factor maturativo que incluía as defesas de sublimação, humor, antecipação e supressão. O factor neurótico que incluía as defesas de denegação, pseudo-altruísmo, idealização e formação reactiva. O factor imaturo que englobava as restantes doze defesas: projecção, agressão passiva, *acting out*, isolamento, desvalorização, fantasia autística, negação, deslocamento, dissociação, clivagem, racionalização e somatização.

Na versão portuguesa, Amaral (2007) encontrou seis factores, os quais se encontram distribuídos num continuum que vai desde o menos adaptativo ao mais adaptativo: F1 - defesas imaturas (Projecção, Agressão Passiva, *Acting Out*, Clivagem); F2 - defesas de distorção de imagem (Desvalorização, Isolamento, Fantasia Autística); F3 - defesas neuróticas 1 (Supressão, Negação, Dissociação); F4 - defesas de encobrimento (Racionalização, Denegação); F5 - defesas neuróticas 2 (Somatização, Pseudo-Altruísmo, Formação Reactiva, Deslocamento, Idealização); F6 - defesas maduras (Sublimação, Antecipação e Humor).

## 3. Procedimentos e Amostra

A aplicação dos protocolos relativos à segunda parte deste trabalho foi

<sup>9</sup> No anexo II é apresentado o glossário dos mecanismos de defesa.

realizada na Universidade de Coimbra (F.P.C.E. e F.C.T.), em momentos distintos. Inicialmente, foram recolhidos sujeitos através da colaboração de vários docentes da F.P.C.E.-U.C., que permitiram a aplicação do protocolo no contexto das disciplinas que leccionam. Nesse processo, foi utilizado o auditório da faculdade, com recurso ao sistema técnico de que o mesmo dispõe, pela qualidade sonora dos equipamentos. Considerando a premência de aumentar a amostra, foi requisitada uma sala da mesma instituição, já numa fase mais avançada da investigação, preparada tecnicamente para o efeito, onde participaram, voluntariamente, sujeitos da faculdade. Posteriormente, verificada a escassez de indivíduos do sexo masculino, recorremos à F.C.T., onde os protocolos foram aplicados em anfiteatros que cumpriam os mesmos critérios utilizados nos diferentes momentos de aplicação. Nesse sentido, a amostra deste segundo estudo é proveniente, maioritariamente, da população universitária (Quadro 13).

**Quadro 13. Características sócio-demográficas\* (N=284)**

		Amostra (N=284)	
		n	%
Género	Masculino	115	40.5
	Feminino	169	59.5
Idade	Mínimo	18	
	Máximo	34	
	Média	21.12	
Estado Civil	Desvio Padrão	2.916	
	Solteiro(a)	281	98.9
	Casado(a)	1	.4
	União de facto	2	.7
	Divorciado(a)/ Separado (a)	0	0
Raça	Viúvo(a)	0	0
	Branca/Caucasiana	267	94.0
	Negra/Africana	4	1.4
	Oriental/ Asiática	0	0
Nacionalidade	Portuguesa	276	97.3
	Outra	11	3.0
Lingua Materna	Português	275	96.8
	Outra	8	2.8
Habilitações Literárias	Ensino Básico	2	.2
	2º ciclo do Ensino Básico	1	.3
	3º ciclo do Ensino Básico	8	2.2
	Ensino Secundário	226	61.2
	Licenciatura	119	32.2
Situação Profissional	Mestrado/Doutoramento	10	2.7
	Estudante	259	91.2
	Trabalhador-Estudante	19	6.7
	Empregado	2	0.7
	Desempregado	0	0
	Reformado	0	0
Nível Socioeconómico**	Baixo	44	9.1
	Médio-baixo	67	13.8
	Médio	92	18.9
	Médio-alto	47	9.7
	Alto	16	3.3

\* Alguns dos totais não correspondem aos 284 sujeitos estudados devido aos valores omissos.

\*\* Para categorização do nível socioeconómico foi utilizada a tipologia estabelecida por Simões (1994, p. 285-286), a qual considera cinco níveis: : NSE Baixo, NSE Médio Baixo, NSE Médio, NSE Médio Alto, NSE Elevado. Foram considerados, para a subamostra de estudantes, os indicadores profissionais dos pais bem como as respectivas formações académicas.

#### 4. Resultados

Inicialmente, foi estudada a relação entre a capacidade de reconhecimento de emoções e a psicopatologia, permitindo verificar a existência de correlações estatisticamente significativas, mas de magnitude reduzida.

Assim, o reconhecimento da emoção medo apresenta correlações negativas e estatisticamente significativas com as dimensões somatização, ansiedade e hostilidade, indicando que os indivíduos que possuem maior capacidade de reconhecimento desta emoção apresentam menores pontuações nas referidas medidas psicopatológicas (cf. Quadro 14).

Por sua vez, o reconhecimento da emoção alegria encontra-se negativa e estatisticamente correlacionado com a somatização, as obsessões-compulsões, a depressão, a ansiedade, a hostilidade e o psicoticismo, sucedendo o mesmo para o reconhecimento da surpresa, que revela uma associação negativa e estatisticamente significativa com a somatização, as obsessões-compulsões, a depressão, a ansiedade e a ansiedade fóbica (cf. Quadro 14).

No entanto, o reconhecimento da raiva e da tristeza não se encontra associado a nenhuma medida psicopatológica (cf. Quadro 14).

Quanto aos indicadores gerais, é de realçar a correlação entre o Total de Sintomas Positivos e todas as medidas de reconhecimento das emoções, com excepção da tristeza. Destas, a correlação mais elevada, em sentido negativo, revela-se com o reconhecimento da surpresa (cf. Quadro 14).

**Quadro 14. Coeficiente de correlação de Pearson (*r*) entre as medidas de psicopatologia e o índice de acerto de cada uma das emoções (N=284).**

Medidas de psicopatologia (BSI)	Emoções				
	Medo	Raiva	Tristeza	Alegria	Surpresa
Somatização	-.147*	-.051	-.008	-.136*	-.179**
Obsessões-compulsões	-.084	-.078	.018	-.181**	-.141*
Sensibilidade interpessoal	-.087	-.067	.031	-.107	-.114
Depressão	-.077	-.074	.045	-.149*	-.139*
Ansiedade	-.146*	-.086	.013	-.183**	-.155*
Hostilidade	-.131*	-.012	.046	-.154*	-.112
Ansiedade fóbica	-.007	-.055	.054	-.097	-.151*
Ideação paranóide	.043	.030	.049	-.055	.039
Psicoticismo	-.116	-.074	-.032	-.174*	-.113
Índice Geral de Sintomas	-.028	.025	.059	-.044	-.055
Índice de Sintomas Positivos	-.028	.025	.059	-.044	-.055
Total de Sintomas Positivos	-.136*	-.136*	-.023	-.127*	-.203*

\*  $P < .050$ ; \*\*  $p < .010$

Num segundo nível, foi analisada a relação entre as taxas de reconhecimento emocional e os estilos defensivos, verificando-se que as correlações entre construtos são muito baixas e não se apresentam estatisticamente significativas, quer com a estrutura factorial original do DSQ-40, quer com a estrutura conseguida a partir da adaptação da escala para a população portuguesa (cf. Quadro 15).



**Quadro 15. Coeficiente de correlação de Pearson (r) entre os estilos defensivos e o índice de acerto de cada uma das emoções (N=284).**

Estilos defensivos	Emoções				
	Medo	Raiva	Tristeza	Alegria	Surpresa
DSQ versão original					
Maturativo	-.035	.034	.046	.007	.045
Neurótico	-.032	.034	.047	.006	.045
Imaturo	-.002	.040	.051	.013	.065
DSQ versão portuguesa					
Defesas imaturas	.003	.047	.060	.004	.056
Defesas de distorção de imagem	.024	.039	.045	.025	.079
Defesas neuróticas	-.007	-.072	-.125	.045	-.080
Defesas de encobrimento	-.037	.032	.047	.006	.042
Defesas neuróticas 2	-.034	.033	.044	.002	.044
Defesas maduras	-.036	.034	.046	.006	.045

No seguimento da exploração das eventuais relações entre o reconhecimento emocional dos estímulos vocais e os estilos defensivos, considerou-se a possibilidade dos resultados estarem a sofrer um efeito elevado das respostas nas posições intermédias. Nesse sentido, considerou-se a formação de dois grupos de sujeitos, aqueles com pontuações abaixo do percentil 15 e os com pontuações acima do percentil 85 para cada um dos factores que agrupam os estilos defensivos, quer na versão original do DSQ, quer na versão adaptada à população portuguesa por Amaral (2007)<sup>10</sup>.

Contudo, os resultados não sofreram alterações importantes, sendo possível verificar para a quase totalidade das medidas de reconhecimento de emoções, diferenciadas em função dos grupos extremos de cada um dos factores do instrumento de estilos defensivos, quer na sua versão portuguesa ou original, valores estatisticamente não significativos e tamanhos do efeito bastante reduzidos (cf. Quadro 16 a Quadro 23, Anexo I). A única excepção no padrão anteriormente referido reporta-se à diferença no reconhecimento da alegria em função dos dois grupos extremos de utilizadores das defesas de distorção, sendo os sujeitos com pontuações até ao percentil 15 aqueles que possuem maior capacidade de reconhecimento desta emoção (cf. Quadro 20, Anexo I).

## 5. Discussão e Análise dos Resultados

### Hipótese H1

Inicialmente, foi investigado se os níveis de reconhecimento emocional, tal como são medidos pelo teste paralinguístico das emoções, estão associados a maiores níveis de psicopatologia, tal como estes são medidos pelo BSI, nas dimensões que o mesmo instrumento preconiza. Esta hipótese fundamenta-se na literatura especializada (e.g. Levine et al., 1997; Kiehl et al., 1999; Long & Titone, 2007; Shean et al., 2007), a partir da qual é possível afirmar que é

<sup>10</sup> Consultar Anexo II para a visualização dos quadros (resultados) relativos a cada uma das análises.

esperada uma relação entre a sintomatologia psicopatológica e a capacidade de reconhecimento das emoções.

Neste sentido, os resultados encontrados convergem na corroboração da relação entre os construtos, confirmando-se a existência de correlações estatisticamente significativas entre ambos, embora de magnitude reduzida. Isto traduz que a relação entre a descodificação emocional e a sintomatologia psicopatológica existe, mas que não é tão forte quanto seria de prever. Esta conclusão é, também, corroborada pelos valores do três Índices Globais que o BSI contempla, onde são encontrados, para o Índice Geral de Sintomas e para o Índice de Sintomas Positivos, valores considerados baixos, embora se destaquem os resultados para o Total de Sintomas Positivos, onde surjem correlações com todas as emoções, à excepção da tristeza.

Há, pois, a considerar alguns aspectos na evidência encontrada. Por um lado, a natureza da amostra utilizada, proveniente da população geral, onde psicopatologia será naturalmente um fenómeno muito menos significativo do que aquele que se deverá observar quando se utilizam populações clínicas específicas. Efectivamente, a probabilidade de descobrir quadros ou sintomatologia psicopatológica na população geral está adjudicada a um fenómeno de aleatoriedade maior do que em contextos mais particulares, não sendo rigoroso que dentro dela se encontrem casos clinicamente significativos em grande escala, os quais pontuariam mais nas medidas de avaliação utilizadas, resultando daí um padrão de magnitude maior.

O que acima foi explanado encontra relevância nos dados empíricos de que dispomos, onde a psicopatologia é essencialmente estudada em função de quadros mais específicos, para os quais contribuem, também, emoções específicas. Portanto, a relação que se supõe existir a partir da literatura, trata, maioritariamente, de populações clínicas e de quadros psicopatológicos (é de notar a incidência sobre a psicopatia, a esquizotíпия e a organização *bordeline* da personalidade), ao contrário do que acontece no presente estudo, que envolve uma amostra retirada a partir da população geral e onde estará em jogo, não um quadro psicopatológico específico, mas apenas indicadores sintomatológicos, representativos de dimensões inerentes à psicopatologia, as quais existem num contínuo que vai desde o isolamento pessoal ligeiro à evidência dramática de psicose.

Para as emoções tristeza e raiva não foi encontrada qualquer correlação com sintomatologia psicopatológica, contrariando o que a literatura defende. Para a primeira, existe suporte empírico no estudo de Williams e Wilkins (2006), onde a depressão surge como correlacionada com uma maior capacidade para reconhecer estímulos negativos, sobretudo a tristeza. Para a segunda, os dados da literatura referenciam-na como estando associada a determinados quadros psicopatológicos, sobretudo relacionados com a hostilidade e sensibilidade interpessoal, como é o caso da perturbação *bordeline* da personalidade (Domes et al., 2008; Levine et al., 1997). Parece-nos estar, aqui, em jogo o que foi supracitado: o paralelismo encontrado na literatura situa-se, substantivamente, ao nível dos estudos com populações clínicas e/ou que avaliam os construtos psicopatológicos em função de um quadro clínico específico, ao invés de dimensões que para ele contribuirão. Com isto não é anulada a perspectiva

transdiagnóstica, assente na premissa de que existe uma comunalidade de processos entre as perturbações emocionais, mas apenas evidenciada a pouca sensibilidade de um instrumento abrangente como o utilizado para a detecção dos vários aspectos que permitem correlacionar estes com outros dados psicopatológicos. Simultaneamente, um outro aspecto que deverá ser tomado em consideração sobre a tristeza e a raiva é o facto das taxas de reconhecimento serem maiores para estas emoções. Deste modo, sendo mais reconhecidas pelos sujeitos, supõe-se menos associadas a padrões de erro explicativos da relação apresentada para ambas nos estudos de que dispomos. Não obstante, a evidência encontrada para as duas emoções poderá vir a ser aprofundada em estudos posteriores, com uma análise situada ao nível dos pontos de corte das pontuações do BSI, por forma a descortinar se, eventualmente, existirá um grupo extremo que contribua para a confirmação da relação entre a sintomatologia e as duas emoções em questão.

O medo surge correlacionado negativamente, mas com significância estatística, para a hostilidade, ansiedade e somatização, indicando que os sujeitos com maior dificuldade no seu reconhecimento pontuam mais nas dimensões referidas. Este dado encontra relevância na literatura, surgindo congregado a perturbações que se caracterizam por padrões de comportamento impulsivo e agressivo, como a organização *borderline* da personalidade, marcada por uma dificuldade na regulação da raiva e da ansiedade, especificidades próximas das dimensões ansiedade e hostilidade. Levine et al. (1997) demonstraram que os indivíduos que padecem desta perturbação apresentam uma maior susceptibilidade ao medo, dado evidenciado por Domes et al. (2008), num estudo realizado com população não-clínica. No que concerne à somatização, embora não conheçamos dados específicos, podemos subentender uma relação entre o medo e esta dimensão, por ser uma componente da psicopatologia intrinsecamente relacionada com a ansiedade, a qual, por sua vez, está associada ao medo, tal como os resultados obtidos comprovam.

No que respeita à alegria, podemos verificar que esta emoção se encontra negativa e estatisticamente correlacionada com um maior número de sintomatologia: somatização, obsessões-compulsões, depressão, ansiedade, hostilidade e psicoticismo. Curiosamente, sendo a única emoção com valência positiva, é também quando os sujeitos são menos capazes de a reconhecer, que o número de sintomatologia psicopatológica aumenta. Este dado parece relacionar-se com o postulado de Hare (1995), assente no pressuposto de que alguns quadros e sintomas psicopatológicos, como o comportamento anti-social e a psicopatia, marcados por uma acentuada hostilidade, implicam uma maior conotação negativa dos estímulos emocionais. Aliás, os resultados da literatura sustentam precisamente tal evidência, pelo que, num mesmo sentido, a alegria surge, neste trabalho, como paradigmática dessa relação, pois quanto menos saudáveis se supõe os sujeitos, mais dificuldade apresentam no seu reconhecimento. Wickline et al. (2005, cit. in Shean et al., 2007) descortinaram a relação entre a personalidade esquizotípica, enquadrada no espectro da psicose, concluindo que adolescentes com este tipo de personalidade apresentam défices no reconhecimento da alegria.

Para a dimensão depressão associada ao reconhecimento da alegria, não foi encontrado suporte na literatura, onde apenas é possível encontrar evidências para a relação entre esta dimensão e uma tendência para o reconhecimento de emoções com valência negativa (Williams & Wilkins, 2006), com particular destaque para a identificação da tristeza, que, por definição, está implicada na própria caracterização do quadro (DSM-IV-TR). No entanto, a predisposição para o reconhecimento de emoções aproximadas ao estado dos indivíduos, pode acarretar uma diminuição da atenção sobre estímulos não tão capazes de provocar essa ressonância ou identificação interna, como será o caso da alegria, para sujeitos que apresentem quadros ou sintomas depressivos. Assim, nesta analogia, será de esperar que os mesmos sujeitos apresentem um défice na descodificação desta emoção.

Surgem, ainda, no reconhecimento da alegria resultados que apontam para a sua relação com dimensões psicopatológicas que não detém equivalência na literatura encontrada. São elas a somatização, obsessões-compulsões e ansiedade. A sua apresentação remete, de imediato, para uma transversalidade inerente a todas elas, onde a ansiedade parece co-existir com as restantes. Por outro lado, sabemos que algumas destas dimensões poderão estar relacionadas com núcleos depressivos (decorrendo deles ou contribuindo para eles), como é o caso particular da ansiedade, pelo que poderá fazer-se uma mesma dedução sobre o que acima foi descrito, pensando na depressão ou depressividade dos sujeitos enquanto diminuidora da sua capacidade de atender a estímulos de valência positiva. Assumimos, pois, uma leitura transdiagnóstica destes fenómenos, uma vez que a comunalidade de processos entre as perturbações emocionais existem e poderão ser, neste trabalho, uma forma de compreender os resultados encontrados.

Finalmente, para a surpresa foram encontradas associações, também negativas e estatisticamente significativas, com algumas das dimensões avaliadas, como a somatização, as obsessões-compulsões, a depressão, a ansiedade e a ansiedade fóbica. Curiosamente, esta emoção considerada neutra, aquando do primeiro estudo, era a emoção que maior dispersão encontrava em estímulos do nojo, o que significa que os sujeitos não capazes de identificar os estímulos da surpresa como tais, os reconhecem como sendo relativos à emoção nojo. Na verdade, as dimensões que neste segundo estudo parecem relacionar-se com a surpresa não encontram suporte teórico que sustente essa relação, mas, para parte delas, existem dados empíricos que as correlacionam com o nojo. Ora, se pensarmos no padrão de dispersão entre o nojo e a surpresa, podemos supor que os resultados a que nos reportamos neste segundo estudo estarão, em certa medida, influenciados por esse padrão difuso de reconhecimento. Sprengelmeyer et al. (1996), ao investigarem a relação entre o reconhecimento paralinguístico e a perturbação obsessivo-compulsiva, revelam que a mesma se coaduna com uma dificuldade de regulação do nojo, particularmente quando associada a sintomatologia do tipo ansioso. Num outro estudo, os mesmos autores (*idem*) avaliaram a capacidade de reconhecimento das seis emoções básicas entre indivíduos com sintomatologia do tipo obsessivo-compulsiva e indivíduos com perturbação de pânico e ansiedade generalizada, revelando que existe um enfraquecimento no reconhecimento do nojo para ambos os grupos. A

somatização, tal como aconteceu para as restantes emoções com as quais surge relacionada, poderá ser entendida na mesma linha apologizada anteriormente: enquanto dimensão sintomatológica que não pode ser desligada de quadros do tipo ansioso.

Todos os dados aqui explanos poderão ganhar sentido em estudos futuros, onde seja possível avaliar os construtos psicopatológicos com mais especificidade, bem como os padrões de reconhecimento que lhe estão associados, não apenas no que diz respeito à relação entre emoções específicas e os construtos psicopatológicos, como também na relação entre estes últimos e padrões de reconhecimento difusos, que poderão constituir-se como eventuais leituras alternativas ao fenómeno da associação entre construtos desta natureza, sendo disso exemplo o fenómeno relativo à emoção surpresa.

### **Hipótese H2**

A segunda hipótese prendia-se com o estudo da relação entre o reconhecimento emocional e estilos defensivos específicos. Ainda que não tendo partido de qualquer referência teórica, pois não foram encontrados dados empíricos relativos à relação entre os dois construtos nas bases de dados consultadas (B-on, Ovid, Plataforma Web of Knowledge, Proquest), esta hipótese é sustentada na evidência de que os mecanismos defensivos são parte integrante da personalidade e, por consequência, da própria psicopatologia (Plutchick, 1995). Logo, partindo da relação conhecida e encontrada entre a última e a descodificação emocional, foi investigado se o mesmo é possível suceder para os estilos defensivos.

Os resultados encontrados não sustentam a hipótese colocada, revelando que as correlações entre os estilos defensivos e o reconhecimento emocional são muito baixas e estatisticamente não significativas. Com o intuito de aprofundar os resultados obtidos e tomando como alicerce a relação entre o reconhecimento emocional e a psicopatologia, a partir da qual deveria ser de prever uma relação entre o primeiro e os mecanismos de defesa, procedemos a uma análise dos resultados em função dos grupos extremados. Dessa análise, para os factores de ambas as versões do DSQ (original e portuguesa), não foram, também, encontrados resultados explicativos da relação que hipotetizámos.

A única excepção encontrada foi no reconhecimento da emoção alegria em função dos dois grupos extremos de utilizadores das defesas de distorção, sendo os sujeitos com pontuações até ao percentil 15 aqueles que possuem maior capacidade de reconhecimento desta emoção. Isto significa, portanto, que os sujeitos que apresentam menor recurso das defesas de distorção são também aqueles que parecem ser mais capazes de reconhecer a emoção alegria. A relação descrita é paradigmática do objectivo da inclusão do estudo dos estilos defensivos neste trabalho, pois converge no sentido da hipótese proposta: o maior reconhecimento das emoções estará associado à utilização de estilos defensivos mais maduros ou, se quisermos, no que aqui é apresentado, a menor capacidade de descodificação emocional implica uma maior utilização de estilos imaturos. Assim, situando as defesas de distorção (desvalorização, isolamento, dissociação) na continuidade proposta por Amaral (2007), ganha relevância o dado encontrado, sobretudo quando associado à emoção alegria, a qual surge na

literatura como uma das emoções que os sujeitos, de uma forma geral, são mais capazes de identificar, evidenciando uma relação com quadros psicopatológicos no mesmo sentido que aqui é revelado - são as dificuldades no seu reconhecimento que se associam a quadros desta natureza. Aliás, este pressuposto é comprovado na primeira hipótese deste segundo estudo, uma vez que a dificuldade no reconhecimento da alegria surge associada a um maior espectro de sintomatologia, para a qual contribui, nomeadamente, a dimensão psicoticismo, situada no extremo máximo de gravidade que o BSI contempla, a qual é marcada por um padrão defensivo, essencialmente, imaturo. Neste sentido, parece claro que os indivíduos, cuja personalidade é vincada por mecanismos de defesa mais imaturos, e, por isso, com maior predisposição para quadros psicopatológicos, sejam também os que menor capacidade detêm no reconhecimento desta emoção.

Embora o resultado descrito seja representativo do nosso objectivo, o mesmo não foi cumprido para os restantes estilos defensivos. Parece-nos que estarão em causa algumas das questões levantadas anteriormente, no estudo da relação entre a descodificação e a psicopatologia, particularmente no que concerne à natureza da amostra. De facto, por se tratar de uma amostra não clínica, onde não se evidenciam quadros ou sintomatologia psicopatológica de forma intensa e expressiva, é, em certa medida, expectável que os mecanismos de defesa não emergam com clareza. A psicopatologia assume-se, na verdade, como um afunilamento das defesas que se tornam pobres e excessivas, o que é corroborado pelo estudo de Amaral (2007) que, ao relacionar os mecanismos de defesa com a psicopatologia, evidenciou que a relação entre a última e as defesas imaturas é francamente mais intensa. Sendo que na amostra em estudo parecem não existir dados dessa relevância, então, será de esperar que para os mecanismos de defesa ocorra o contrário. Aliás, pensando nos resultados obtidos para a relação entre a psicopatologia e o reconhecimento emocional, a partir do contínuo que o BSI preconiza (que vai desde o isolamento pessoal ligeiro até à evidência dramática de psicose), depreendemos que o único resultado obtido, enquanto indicador da gravidade máxima contemplada pelo referido instrumento, é relativo à dimensão psicoticismo, a qual, curiosamente, surge associada à emoção alegria, no mesmo sentido em que as defesas de distorção, incluídas no âmbito dos mecanismos imaturos, também se encontram relacionadas com a alegria no estudo da presente hipótese de investigação.

Assim, a relação entre o reconhecimento emocional e os estilos defensivos investigados, ainda que denotando uma escassez de resultados confirmatórios, não deverá ficar reduzida aos dados obtidos. Pelo contrário, deverá ficar em aberto a possibilidade de que a mesma seja, novamente, estudada, sobretudo em populações clínicas, onde a sintomatologia psicopatológica é, forçosamente, mais expressiva e do que decorre a maior manifestação dos estilos defensivos. A este respeito, salientamos que o único resultado encontrado explicativo dessa relação deverá ser entendido numa perspectiva mais abrangente e de maior alcance, enquanto indicador de que a existência de correlações entre ambos os construtos poderá vir a confirmar-se ao serem contornadas as especificidades aqui apresentadas.

Importa, ainda, salientar a possibilidade de que, para estes resultados, contribua também um efeito de cansaço dos participantes, inerente ao processo de recolha dos dados. Com efeito, a extensa dimensão do protocolo de investigação e o tempo de aplicação que o mesmo exigiu, associada ao facto do DSQ-40 constar como o último instrumento do protocolo total, poderá ter contribuído, também, para a pouca consistência dos resultados encontrados, podendo ter ocorrido um desinteresse, por efeito de cansaço, para as últimas provas da investigação. Este eventual condicionalismo, acrescido ao que foi já explanado, serve o propósito de, mais uma vez, salientar a importância da confirmação da ausência ou não da relação entre o reconhecimento emocional e os estilos defensivos, a qual deverá ficar em aberto para estudos posteriores.

## V. Conclusões

O interesse pelo estudo das emoções e os trabalhos que daí têm decorrido é quase tão vasto quanto a própria vida emocional em si mesma (Cacciopo & Gardner, 1999). Com efeito, existe um substantivo corpo empírico, emergente nos últimos anos, fomentado pela criação e desenvolvimento de instrumentos standardizados, o qual parece ser subsidiário de uma diversidade de áreas científicas, como a psicologia, a fonética, a linguística, a acústica, as neurociências, entre muitas outras, tornando o fenómeno de difícil síntese. Simultaneamente, a multiplicidade de paradigmas e modelos explicativos das emoções tem acarretado uma dispersão na investigação a este respeito, resultando no aparecimento massivo de trabalhos, por vezes, lacónicos ou de escassa congruência teórica (Laukka, 2004). Na presente investigação foi encetado um esforço no sentido de colmatar tais vicissitudes, assumindo-se duas linhas de força que têm surgido na literatura como co-ajustadas: a perspectiva evolucionista, que concebe as emoções enquanto resultado de um processo adaptativo, para o qual têm vindo a contribuir na qualidade de intermediárias nos desafios provenientes do meio; e o modelo das emoções discretas, assente na premissa de que existe um conjunto de emoções fundamentais ou básicas, inatas e universais, que evoluíram por forma a ultrapassar os desafios à própria sobrevivência. Deste modo, os resultados encontrados parecem comprovar o nosso postulado, pois os sujeitos são capazes, de uma forma geral, de reconhecer correctamente as emoções contempladas, pelo que é possível corroborar a validade dos paradigmas que serviram de base à investigação.

Quando tais vicissitudes surgem ao nível da construção de instrumentos de avaliação de reconhecimento emocional, as problemáticas referidas tornam-se mais sensíveis e de difícil controlo. Referimo-nos não apenas às disparidades teóricas implícitas na criação de alguns destes instrumentos, mas também aos procedimentos assumidos para a sua concretização, que surgem, por vezes, demasiado rigidificados por uma abordagem específica ou implementados a partir de metodologias pouco consistentes. Nesse sentido, foi procurado neste trabalho colmatar essas lacunas, a partir da síntese possível dos dados recolhidos na literatura. Inicialmente, escolhendo o conteúdo semântico a utilizar em função de um critério de neutralidade, por forma a não influenciar os

participantes, bem como o recurso a actores em número suficiente, treinados na expressão emocional: por um lado, com o intuito de deixar em aberto a possibilidade de encontrar diferenças individuais na expressão das emoções, e, por outro, para assegurar que a escolha dos estímulos varia em número de actores, género e quantidade, pela ausência de confirmação empírica de que a escolha de um item é a mais correcta para representar uma determinada emoção. Estas opções ganharam relevância com os resultados obtidos, uma vez que, efectivamente, foi possível confirmar que existem diferenças individuais ao nível dos emissores, confirmando que não é, de todo, possível escolher um estímulo como o mais correcto e que essas diferenças não devem ser negligenciadas, como parece ter vindo a acontecer no curto trajecto da investigação neste âmbito.

A realização do pré-teste e os seus resultados foi, logo à partida, denotadora das relações que viemos a encontrar na investigação, confirmando, assim, a validade do instrumento. Aliás, a utilização deste procedimento constituiu-se, em si mesma, como uma mais valia do TRPE, pois que para algumas das medidas conhecidas neste âmbito não são recolhidos dados com semelhante equivalência. A partir do mesmo, foi assegurado que a escolha dos estímulos para a versão final do teste não foi realizada apenas em função de um critério óptimo de respostas, contrariando algumas das críticas inerentes a este tipo de escalas, precisamente por incrementarem, dado a sua natureza, as taxas de acerto dos sujeitos. A este respeito, ainda que a escolha do tipo de resposta, fundada no método de resposta-fixa, possa representar um afunilamento dos resultados em direcção à sua melhoria, pareceu-nos aquela que permitia uma maior operacionalização.

Podemos, então, concluir, que no que concerne à construção do TRPE, todos os procedimentos e metodologias utilizadas foram escolhidas no sentido de tornar o contexto de investigação o mais controlado possível, cumprindo, pois, o grande objectivo desta investigação, constituída como um estudo preliminar do reconhecimento paralinguístico das emoções aplicado à população portuguesa: lançar as bases possíveis para que trabalhos vindouros continuem a descortinar a especificidade que o estudo das emoções pressupõe.

Com tudo o que foi concluído não é esperado que sejam negligenciadas as limitações inerentes aos modelos, pressupostos e métodos adoptados, uma vez que terão que existir, necessariamente, considerando tudo o que ainda há para explorar no âmbito do reconhecimento emocional, mas apenas reforçar a consistência das escolhas assumidas, em detrimento das alternativas conhecidas, ainda que deixando espaço a que outras sejam igualmente experimentadas. Eventualmente, o recurso a uma opção de resposta de escolha aberta, com o intuito de desvendar a existência de outros estados emocionais passíveis de virem a ser descobertos, tal como o modelo das emoções discretas preconiza; ao estudo do processo de codificação com o recurso a tecnologia de ponta na área da acústica, pela escassez de trabalhos apurados em função desta abordagem, da qual decorrerá uma maior percepção das diferenças individuais no processo de codificação, bem como das disparidades encontradas no reconhecimento de cada emoção, para as quais existem processos fisiológicos distintos que poderão ser apurados; ou da própria análise dos resultados, onde poderá ser considerada a



possibilidade de que os mesmos sejam trabalhos em função de um critério de ponderação. Em suma, deixamos em aberto tudo o que há para explorar num território tão vasto como o das emoções, o que poderá passar por questões inerentes à construção dos instrumentos ou à sua validação.

No que respeita ao segundo estudo deste trabalho, o mesmo ganha sentido pela confirmação dos resultados que o primeiro dispõe, evidenciando que, efectivamente, a descodificação emocional se relaciona com outros construtos, tal como o suporte teórico o demonstra. Este tipo de estudos, enquanto parte integrante da investigação no âmbito do reconhecimento emocional, padece do mesmo fenómeno já referido, pois são também, maioritariamente, pouco aprofundados, surgindo de forma dispersa. Foi, por isso, nosso objectivo procurar compreender a relação entre a descodificação e a sintomatologia psicopatológica, que a literatura confirma, e os estilos defensivos, sobre os quais não foram encontradas referências teóricas ou empíricas. Os resultados confirmaram, para o primeiro, que existe uma relação com o reconhecimento paralinguístico das emoções, embora não tenha sucedido o mesmo para o segundo. Em todo o caso, as hipóteses colocadas exigem outras avaliações considerando, em particular, populações clínicas. Aliás, o estudo das emoções, entre todas as potencialidades e áreas para as quais poderá contribuir, é passível de representar um enorme contributo para o contexto diagnóstico, permitindo aprofundar o conhecimento dos próprios quadros psicopatológicos, e, necessariamente, para o processo terapêutico.

### Bibliografia

- Amaral, I. (2007). *Versão portuguesa do Defense Style Questionnaire 40 (Andrews, 1993)*. Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Andrews, G., Singh, M., & Bond, M. (1993). The defense style questionnaire. *The Journal of Nervous and Mental Diseases*, 181 (4), 246-256.
- APA (2000). *DSM-IV-TR: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. (4ª ed. Texto revisto). Lisboa: Climepsi.
- Arnold, M. B. (1960). *Emotion and personality*. New York: Columbia University Press.
- Averill, J. R. (1994). I feel, therefore I am-I think. In P. Ekman & R. J. Davidson (Eds.). *The Nature of Emotion: Fundamental Questions*. New York: Oxford University Press.
- Bachorowski, J.-A., & Owren, M. J. (1999). Vocal expression of emotion. In M. D. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions* (pp.196-207). New York: Guilford Press.
- Banse, R., & Scherer, K. R. (1996). Acoustic profiles in vocal emotion expression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 614-636.
- Baum, K. M., & Nowicki, S. (1998). Perception of emotion: measuring decoding accuracy of adult prosodic cues in intensity. *Journal of Nonverbal Behavior*, 22 (2), 89-104.
- Brocks, P. (1997). Brain, self and others: The neuropsychology of social

- cognition. In G. Claridge (Ed.), *Schizotypy: Implications for illness and health* (pp. 98-123). Oxford: Oxford University Press.
- Buck, R. (1984). *The communication of emotion*. New York: Guilford Express.
- Buss, D. (1995). Evolutionary psychology: A new paradigm for psychological science. *Psychological Inquiry*, 6, 1-30.
- Cacioppo, J. T., & Gardner, W. L. (1999). Emotion. *Annual Review of Psychology*, 50, 191-214.
- Canavarro, M. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos - B.S.I.. In Simões, M., Gonçalves, M. & Almeida L. (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. II) (pp. 96-109), Braga: SHO.
- Chapman, J. P., Champan, L. J., & Kwapil, T. (1995). Scales for the measurement of schizotypy. In: Raine, A., Lencz, T., Mednick, S., (Eds.). *Schizotypal personality*. New York: Cambridge University Press.
- Coimbra de Matos (2002). *O desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Darwin, (1888). *The expression of the emotions in man and animals*. New York: Oxford University Press. (Original work published 1872)
- Domes, G., Cziesschek, D., Weidler, F., Berger, C., Fast, K., & Herpertz, S. C. (2008). Recognition of facial affect in borderline personality disorder. *Journal of Personality Disorder*, 22 (2), 135-147.
- Ekman, P. (1992). An argument for basic emotions. *Cognition & Emotion*, 6, 169-200.
- Ekman, P. (1994). Strong evidence for universals on facial expression: A reply to Russell's mistaken critic. *Psychological Bulletin*, 115, 268-287.
- Ekman, P. (1999). Basic emotions. *Handbook of Cognition and Emotion*. Sussex, U.K.: John Wiley & Sons, Ltd.
- Elfenbein H. A., & Ambady, N. (2002). On the universality and cultural specificity of emotion recognition: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 128, 243-249.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3th ed.). London: Sage Publications.
- Frick, R. W. (1985). Communicating emotion: The role of prosodic features. *Psychological Bulletin*, 97 (3), 412-442.
- Frijda, N. H. (1999). The psychologist's point of view. In M. D. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Ed.), *Handbook of Emotions* (pp.68-87). New York: Guilford Press.
- Hair, J., Black, W., Babin, B., Anderson, R., & Tatham, R. (2006). *Multivariate data analysis* (6th ed.). New Jersey: Pearson Prentice Hall.
- Hansenne, M. (2003). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Harvey, A., Watkins, E., Mansell, W., & Shafran, R. (2004). *Cognitive behavioural processes across psychological disorders: A transdiagnostic approach to research and treatment*. Oxford: Oxford University Press.
- Howell, D. (2006). *Statistical methods for psychology* (6<sup>a</sup> ed.). USA: Thomson Wadsworth.
- Izard, C. E. (1977). *The emotions*. New York: Plenum Press.
- Izard, C. E. (1991). *The psychology of emotions*. New York: Plenum Press.
- Johnstone, T., & Scherer, K. R. (2000). Vocal communication of emotion. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions* (2nd ed.,

- pp. 220-235). New York: Guilford Press.
- Kan, Y., Mimura, M., Kamijima, K., & Kawamura, M. (2004). Recognition of emotion from moving facial and prosodic stimuli in depressed patients. *Journal Neurol Neurosurg Psychiatry*, 75, 1667–1671.
- Keltner, D. (1996). Facial expressions of emotion and personality. In C. Malatesta-Magai & S. H. McFadden (Eds), *Handbook of emotion, aging, and the lifecourse* (pp. 385-402). New York: Academic Press.
- Keltner, D., & Kring, A. (1998). Emotion, social function, and psychopathology. *Review of General Psychology*, 2, 320-342.
- Kiehl, K. A., Smith, A. M., Hare, R. D., et al (2001) Limbic abnormalities in affective processing by criminal psychopaths as revealed by functional magnetic resonance imaging. *Biological Psychiatry*, 50, 677 -684.
- Kiess, H., & Bloomquist, D. (1985). *Psychological research methods: A conceptual approach*. Boston: Allyn and Bacon.
- Kring, A. (1999). Emotion disturbances as transdiagnostic processes in psychopathology. In M. D. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions* (pp. 691-705). New York, NY: Guilford Press.
- Laukka, P. (2004). Vocal expression of emotion: discrete-emotions and dimensional accounts. *Comprehensive Summaries of Uppsala Dissertations from the Faculty of Social Sciences*. Sweden: Acta Universitatis Upsaliensis.
- Lazarus, R. S. (1991). *Emotion and adaptation*. New York: Oxford University Press.
- Levenson, R. W. (1994). Human emotion: A functional view. In P. Ekman & R. J. Davidson (Eds.), *The nature of emotion: Fundamental Questions* (pp. 123-126). New York: Oxford University Press.
- Lindquist, K., & Barrett, F. (1999). Emotional complexity. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions* (2nd ed., pp. 513-540). New York: Guilford Press.
- Long, S., & Titone, D. (2007). Psychopathy and verbal emotion processing in non-incarcerated males. *Cognition and Emotion*, 21 (1), 119-145.
- Mandler, G. (1992). Emotions, evolution, and aggression: Myths and conjectures. In K. T. Strongman (Ed.), *International Review of Studies on Emotion. Vol. II.* (pp. 97-116). Chichester: John Wiley & Sons, Ltd.
- Mijollá, A., & Mijollá-Mellor, S. (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Mowrer, O. H. (1960). *Learning theory and behavior*. New York: Wiley.
- Mueser, K. T., Doonan, R. Penn, D. L., Blanchard, J. J., Bellack, A. S., & Nishith, P. (1996). Emotion recognition and social competence in chronic schizophrenia. *Journal of Abnormal Psychology*, 105, 271-275.
- Oatley, K., & Jenkins, J. M. (1998). Compreender as emoções. Epigénese desenvolvimento e psicologia. Instituto Piaget: Lisboa.
- Pacosz, M. (1983). Attitudinal judgements in intonation: Some evidence for a theory. *Journal Psycholinguistic*, 12, 331-326.
- Phan, K. L., Wager, T., Taylor, S., & Liberzon, I. (2002). Functional neuroanatomy of emotion: A meta-analysis of emotion activation studies in PET and fMRI. *Neuroimage*, 16, 331-348.
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Plutchik, R. (1995). A theory of ego defenses. In H. R. Conte & Plutchik (Ed.s).

- Ego defenses: theory and measurement*. New York: John Wiley & Sons, pp. 13-37.
- Polzin, S. T., & Waibel, A. (1998). Detecting emotions in speech.
- Reis, E. (2000). *Estatística descritiva* (2ª ed.). Lisboa: Edições Silabo.
- Russell, J. A., Bachorowski, J. A., & Fernández-Dols, J. M. (2003). Facial and vocal expressions of emotion. *Annual Review of Psychology*, 54, 329-349.
- Russell, J. A. (1994). Is there universal recognition of emotion from facial expressions: Similarities from preschoolers to adults. *Psychological Bulletin*, 115, 102-141.
- Russell, J. A., & Lemay, G. (1999). Emotion concepts. In M. Lewis & J. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions* (pp. 491-503). New York: Guilford Press.
- Saarni, C. (1999). *The development of emotional competence*. New York: Guilford Press.
- Scherer, K. R. (1986). Vocal affect expression: A review and a model for future research. *Psychological Bulletin*. American Psychological Association, 99 (2), 143-165.
- Scherer, K. R., Banse, R., & Wallbott, H. G. (2001). Emotion inferences from vocal expression correlate across languages and cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 76-92.
- Shean, G., Bell, E., & Cameron, C. (2007). Recognition of nonverbal affect and schizotypy. *The Journal of Psychology*, 141 (3), 281-291.
- Simões, M. R. (1994). *Investigações no âmbito da Aferição Nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Solomon, R. C. (1999). The philosophy of emotions. In M. D. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions* (pp. 3-15). New York: Guilford Press.
- Sousa, M. (2010). *Teoria da Mente, Inteligência Emocional e Psicopatologia*. Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Sprengelmeyer, R., Young, A., Calder, A., Karnat, A., Lange, H., Hömberg, V., et al. (1996). Loss of disgust. Perception of faces and emotions in Huntington's disease. *Brain*, 119, 1647-1665.
- Stearn, P. N. (1999). History of emotions. In M. D. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Ed.), *Handbook of Emotions* (pp. 17-30). New York, NY: Guilford Press.
- Strauss, E., Moscovitch, M. 1981. Perception of facial expressions. *Brain and Language*, 13, 308-332.
- Strongman, K. T. (1998). *A psicologia da emoção*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Tomkins, S. (1962). *Affect, imagery and consciousness: Vol. I. The positive affects*. New York: Springer.
- Tottenham, N., Tanaka, J. W., Leon, A. C., McCarry, T., Nurse, T. A., Marcus, D. J., Westerlund, A., Casey, B. J., & Nelson, C. (2008). The NimStim set of facial expressions: judgements from untrained research

- participants. *Psychiatric Research*, 168 (3), 242-249.
- Wagner, A., & Linehan, M. (1999). Facial expression recognition ability among women with borderline personality disorder: Implications for emotion regulation? *Journal of Personality Disorders*, 13 (4), 329-344.

## **ANEXOS**

## **Anexo I**

### **Tabelas**

## Tabelas para o estudo dos Estilos Defensivos e do Reconhecimento Paralinguístico das Emoções

**Quadro 16. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por grupo extremo do estilo maturativo (VO). Teste t de Student para verificação das diferenças.**

Emoções	Maturativo	N	Média	D. P.	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Medo	Baixo		.87	.19	1.948	.059	
	Elevado		.95	.11			
Raiva	Baixo		.93	.13	.116	.908	
	Elevado		.93	.12			
Tristeza	Baixo		.89	.16	1.028	.309	
	Elevado		.85	.14			
Alegria	Baixo		.83	.20	.653	.517	
	Elevado		.79	.21			
Surpresa	Baixo		.81	.29	.876	.385	
	Elevado		.73	.34			

**Quadro 17. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por grupo extremo do estilo neurótico (VO). Teste t de Student para verificação das diferenças.**

Emoções	Neurótico	N	Média	D. P.	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Medo	Baixo	42	.89	.17	.399	.691	
	Elevado	18	.87	.20			
Raiva	Baixo	42	.92	.14	1.973	.053	
	Elevado	18	.83	.20			
Tristeza	Baixo	42	.92	.15	1.231	.223	
	Elevado	18	.88	.14			
Alegria	Baixo	42	.85	.17	1.246	.218	
	Elevado	18	.79	.21			
Surpresa	Baixo	42	.85	.23	1.721	.091	
	Elevado	18	.72	.28			

**Quadro 18. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por grupo extremo do estilo imaturo (VO). Teste t de Student para verificação das diferenças.**

Emoções	Imaturo	N	Média	D. P.	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Medo	Baixo	39	.86	.16	.098	.922	
	Elevado	38	.85	.17			
Raiva	Baixo	39	.92	.15	1.190	.238	
	Elevado	38	.87	.17			
Tristeza	Baixo	39	.91	.14	1.675	.098	
	Elevado	38	.86	.15			
Alegria	Baixo	39	.84	.19	1.061	.292	
	Elevado	38	.79	.19			
Surpresa	Baixo	39	.88	.16	1.337	.186	
	Elevado	38	.81	.26			



**Quadro 19. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por grupo extremo do estilo defesas imaturas 2 (VPT). Teste t de Student para verificação das diferenças.**

Emoções	Defesas Imaturas	N	Média	D. P.	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Medo	Baixo	44	.88	.16	1.626	.108	
	Elevado	43	.81	.22			
Raiva	Baixo	44	.92	.12	.989	.326	
	Elevado	43	.89	.17			
Tristeza	Baixo	44	.90	.16	1.833	.070	
	Elevado	43	.84	.19			
Alegria	Baixo	44	.84	.18	1.123	.264	
	Elevado	43	.79	.19			
Surpresa	Baixo	44	.85	.22	1.757	0.83	
	Elevado	43	.75	.28			

**Quadro 20. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por grupo extremo do estilo defesas de distorção de imagem (VPT). Teste t de Student para verificação das diferenças.**

Emoções	Distorção de Imagem	N	Média	D. P.	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Medo	Baixo	39	.88	.14	1.083	.282	
	Elevado	42	.84	.19			
Raiva	Baixo	39	.95	.09	1.596	.115	
	Elevado	42	.90	.17			
Tristeza	Baixo	39	.90	.15	1.500	.38	
	Elevado	42	.84	.20			
Alegria	Baixo	39	.90	.12	2.813	.006	
	Elevado	42	.80	.20			
Surpresa	Baixo	39	.87	.19	1.937	.957	
	Elevado	42	.76	.29			

**Quadro 21. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por grupo extremo do estilo defesas de neuróticas (VPT). Teste t de Student para verificação das diferenças.**

Emoções	Defesas Neuróticas I	N	Média	D. P.	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Medo	Baixo	42	.87	.18	-.182	.856	
	Elevado	44	.87	.17			
Raiva	Baixo	42	.94	.14	1.328	.188	
	Elevado	44	.90	.16			
Tristeza	Baixo	42	.92	.12	1.756	.083	
	Elevado	44	.86	.17			
Alegria	Baixo	42	.86	.18	.004	.997	
	Elevado	44	.86	.17			
Surpresa	Baixo	42	.80	.28	.764	.447	
	Elevado	44	.76	.23			

**Quadro 22. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por grupo extremo do estilo defesas de Encobrimento (VPT). Teste t de Student para verificação das diferenças.**

Emoções	Defesas de Encobrimento	N	Média	D. P.	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Medo	Baixo	57	.87	.16	.896	.372	
	Elevado	50	.83	.21			
Raiva	Baixo	57	.93	.11	1.588	.116	
	Elevado	50	.89	.16			
Tristeza	Baixo	57	.88	.14	1.206	.231	
	Elevado	50	.84	.18			
Alegria	Baixo	57	.80	.20	-.486	.628	
	Elevado	50	.82	.20			
Surpresa	Baixo	57	.81	.26	.774	.441	
	Elevado	50	.77	.29			

**Quadro 23. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por grupo extremo do estilo defesas neuróticas 2 (VPT). Teste t de Student para verificação das diferenças.**

Emoções	Defesas Neuróticas 2	N	Média	D. P.	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Medo	Baixo	42	.86	.17	.611	.543	
	Elevado	45	.83	.20			
Raiva	Baixo	42	.93	.15	.593	.555	
	Elevado	45	.91	.15			
Tristeza	Baixo	42	.92	.13	1.528	.130	
	Elevado	45	.87	.16			
Alegria	Baixo	42	.87	.16	1.621	.109	
	Elevado	45	.81	.20			
Surpresa	Baixo	42	.85	.19	1.814	.074	
	Elevado	45	.75	.29			

**Quadro 24. Médias e desvios padrão dos índices de acerto das emoções por grupo extremo do estilo defesas maduras (VPT). Teste t de Student para verificação das diferenças.**

Emoções	Defesas Maduras	N	Média	D. P.	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Medo	Baixo	44	.87	.19	.928	.356	
	Elevado	44	.83	.15			
Raiva	Baixo	44	.94	.13	.867	.388	
	Elevado	44	.91	.14			
Tristeza	Baixo	44	.89	.17	.840	.403	
	Elevado	44	.86	.16			
Alegria	Baixo	44	.83	.20	-1.234	.202	
	Elevado	44	.88	.16			
Surpresa	Baixo	44	.83	.23	-.606	.546	
	Elevado	44	.86	.25			

## **Anexo II**

### **Glossário dos Mecanismos de Defesa**

### **Definição de Mecanismos de Defesa, segundo Vaillant (1976/1993)**

**Mecanismos psicóticos** - os mecanismos psicóticos reorganizam a percepção de um sistema nervoso central defeituoso. Ao contrário das defesas dos outros níveis, as defesas psicóticas podem alterar profundamente a percepção da realidade interna.

**Projectão delusiva** - os conflitos internos são externalizados e obtêm uma realidade tangível. A cura torna-se impossível até que a pessoa acorde do seu sonho, ou se aperceba da sua ilusão, da sua fantasia. Distingue-se da projectão pelo abandono virtual do teste da realidade.

**Distorção** - exemplo de uma criança que espera que o gato falecido acorde. Frequentemente associada à doença bipolar, pode ocorrer uma agradável absorção ou fusão com outra pessoa, mas, ao contrário da fantasia esquizóide, este conforto revela-se no mundo real. A distorção permite que os instintos se tornem, ao mesmo tempo, virtuosos e gratificantes instantâneos. Nem sempre a distinção entre este mecanismo e a projectão delusiva é clara.

**Negação psicótica** - a realidade externa é literalmente eliminada, afectando mais a percepção da realidade externa que da realidade interna.

**Defesas imaturas (distorção de imagens)** - frequentemente são quebras à lei ou moral convencional. São irritantes para os outros e benignas, pelo menos a curto prazo, ao sujeito. Diz respeito a relacionamentos.

**Projectão (clivagem ou desvalorização)** - o sujeito é transformado no objecto e o objecto é transformado no sujeito, e não em apenas um objecto menos ameaçador (como no deslocamento). O sujeito transforma a sua auto-aversão em danos e desconfia dos seus próprios sentimentos amorosos rejeitando a intimidade. A outra pessoa acaba por vestir a “pele” nele projectada.

**Fantasia** - permite uma retirada autística como forma de gratificação e resolução do conflito. As fantasias servem para gratificar necessidade relacionais desconhecidas.

**Agressão passiva (inflexão sobre si)** - inclui falhanços, procrastinação, doença e comportamentos frequentemente idiotas ou provocativos de modo a obter alguma atenção. O sujeito agressivo passivo pune e sofre nas mãos do da fonte real do seu conflito.

**Acting out** - expressão directa de um desejo ou impulso inconsciente de modo a evitar tornar-se consciente do afecto. É o oposto da formação reactiva, uma vez que o instinto é totalmente permitido e a consciência é absolutamente removida, ainda que temporariamente.

**Dissociação (negação neurótica)** - permite repor ideias e afectos dolorosos por outros mais agradáveis. É a separação da consciência do *self* real. É empregue conscientemente, voluntária. Exemplos são: o alcoolismo, meditação, auto-hipnose.

**Defesas neuróticas** - lidam com ideias e sentimentos, não envolvendo o outro, pelo que são as defesas imaturas que se encarregam de lidar com relacionamentos. Aproximam-se mais da realidade e só podem ser usadas por quem use métodos mais desenvolvidos nas relações, não tão intrusivos. O sujeito responsabiliza-se mais pelos seus conflitos e estabelecem-se compromissos, não é uma questão de tudo ou nada. São moralmente neutras e podem ser

interpretadas.

**Deslocamento** - atenuada e deslocada aproximação da realidade. Altera apenas a direcção do pensamento-afecto.

**Isolamento do afecto (idealização)** - modo como a mente nega o afecto que acompanha o pensamento, permitindo pensar desejos instintivos de uma maneira formal, rasa em afectos. Inclui prestar mais atenção ao inanimado, como forma de evitar envolvimento demasiado próximos com o não inanimado. A denegação é um subtipo de idealização, envolvendo a expressão do desejo seguido da sua anulação.

**Recalcamento** - o pensamento é recalcado, restando o afecto na consciência.

**Formação reactiva** - a medida de sucesso desta defesa pode ser uma medida meramente moral. Transforma um desejo no seu oposto. Deste modo, o desejo proibido é deveras combatido e o seu oposto é valorizado. É o “descendente” do *acting out*, embora não se confunda nunca com este.

**Defesas maduras** - permitem ao sujeito viver e experimentar-se a si mesmo, os seus objectos, seus pensamentos e seus sentimentos. Fazem um balanço equilibrado e atenuante dos 4 campos da realidade, pessoa, consciência e desejo. Afastam-se da doença mental. Por permitir que todos os componentes de um conflito se tornem conscientes, as defesas maduras dão a ilusão de serem maduras. Não necessitam de interpretação ou tratamento.

**Altruísmo** - permite fazer pelos outros como o sujeito faria para si, deixando o *self* parcialmente gratificado. Atrai outros ao sujeito em vez de os repelir. Inclui a projecção, uma vez que os sentimentos do *self* são correctamente atribuídos ao objecto.

**Sublimação** - canaliza os afectos, não os anulando ou camuflando, permitindo a expressão atenuada e indirecta de instintos sem as consequências adversas ou perda de prazer. Distingue-se do deslocamento por os sentimentos e atenção serem normalmente dirigidos a um outro mais grandioso.

**Supressão** - envolve a decisão semi-consciente de não prestar atenção a um impulso e/ou conflito. Ao contrário do recalcamento o sujeito relembra-se do conflito.

**Antecipação** - envolve um planeamento realístico e carregado de emoções como forma de prever futuros incómodos. A realidade interna e externa é re-arranjada.

**Humor** - pode ser visto como o mecanismo defensivo mais adaptativo. O surgimento desta defesa é sempre surpreendente, nunca expectável. Permite a expressão livre de sentimentos sem imobilização ou desconforto no próprio ou no outro.

### **Definição de Mecanismos de Defesa, segundo DSM-III-R**

**Acting out** - agir sem reflectir ou revelar sentir aparentes preocupações pelas consequências negativas do acto.

**Fantasia autística** - substituir a busca de relações humanas, acções mais directas e efectivas, ou solução de problemas por um excessivo sonhar acordado.

**Negação** - a pessoa falha em reconhecer certos aspectos da realidade externa que seriam aparentes a outros.

**Desvalorização** - a pessoa atribui exageradamente qualidades negativas a si ou aos outros.

**Deslocamento** - generalizar ou redireccionar um sentimento acerca de um objecto, ou uma reacção a um objecto, a um outro objecto, usualmente menos ameaçador.

**Dissociação** - alteração temporária nas funções integrativas da consciência ou identidade.

**Idealização** - a pessoa atribui exageradamente qualidades positivas a si ou aos outros.

**Intelectualização** - a pessoa tem um excessivo pensamento abstracto de modo a evitar experienciar sentimentos perturbadores.

**Isolamento** - a pessoa é incapaz de experienciar em simultâneo as componentes afectivas e cognitivas de uma experiência, pois a parte afectiva é afastada da consciência, e assim mantida.

**Agressão passiva** - a pessoa expressa, indirectamente, ou de uma forma não assertiva, agressão em relação aos outros.

**Projectção** - a pessoa atribui falsamente os sentimentos, impulsos ou pensamentos inaceitáveis a outros.

**Racionalização** - a pessoa inventa explicações tranquilizadoras, porém incorrectas, para o seu próprio comportamento ou para o comportamento de outros.

**Formação reactiva** - a pessoa substitui comportamentos, pensamentos ou sentimentos inaceitáveis, por comportamentos, sentimentos ou pensamentos diametralmente opostos.

**Regressão** - a pessoa é incapaz de se lembrar ou estar cognitivamente consciente de desejos, sentimentos, pensamentos ou experiências perturbadoras.

**Somatização** - a pessoa fica preocupada com sintomas físicos desproporcionais a qualquer perturbação física actual.

**Clivagem** - a pessoa vê-se a si própria, ou os outros, como sendo ou totalmente boa ou totalmente mau, falhando na integração de qualidades positivas e negativas do *self* e dos outros em imagens coesivas. Frequentemente a pessoa idealiza ou desvaloriza a mesma pessoa de uma forma alternada.

**Supressão** - a pessoa evita pensar intencionalmente sobre problemas, desejos, sentimentos ou experiências perturbadoras.

**Denegação** - a pessoa empenha-se num comportamento designado para simbolicamente melhorar ou negar pensamentos, sentimentos ou acções prévios.

**Anexo III**  
**Protocolo da Investigação**